

Público

P2



As epidemias foram
a arma silenciosa da
conquista da América P10 a 13

Mark Honigsbaum
“A crise económica é uma
consequência do
desinvestimento na saúde” P14/15

(1936-2020)
Leonardo
Mathias
Servidor de
Salazar e da
democracia

P4 a 9



A invisibilidade da morte



O que é meu é teu
Vítor Belanciano

Só números. Quase não há imagens. E palavras também não. A morte tornou-se omnipresente com a pandemia, mas é como se a tivéssemos eliminado. Tornou-se uma conceptualização. Num comprovativo para estatísticas. A não ser, claro, que ocorra a alguém que nos é próximo. Aí é diferente. Mas quanto mais distante, maior a indiferença.

O ritual repete-se. Tentamos saber os números do dia. As mortes. Os infectados. Nas primeiras semanas interrogávamo-nos se haviam subido ou descido, olhando para os gráficos, numa obsessão que trivializava a realidade brutal que estes representavam. Agora, já nem isso. Estamos em suspenso. Quando muito, propaga-se uma estranha angústia à medida que os números aumentam.

Não há rostos, nomes, histórias. Apenas a percepção que integrámos, entre a culpa e o alívio, que deverão ser idosos ou doentes crónicos. Nos *media* são raras as imagens que contenham essa sugestão de fim. Morre-se sozinho no hospital ou nos lares de 3.ª idade. Os funerais estão desertos, como se a realidade fosse uma máscara misteriosa. Até a palavra morte foi quase ocultada, o que supõe a eliminação mental da realidade que transmite. Agora, as pessoas faleceram, partiram ou perdemos-las, mas raramente morreram. A higienização anulou a vivência da morte. Removemo-la do quotidiano. Dizem todos os dias que morreu um certo de número de pessoas e é tudo.

Mesmo quando vimos as imagens de valas comuns em Nova Iorque, com caixões em fileira a serem colocados em fossas por funcionários de fato branco e máscaras de protecção, o anonimato permaneceu. As autoridades utilizavam aquele local para sepultar corpos não reclamados.

Agora a lógica persiste. Se a família não tem recursos para um funeral, é ali que os vitimados pelo vírus são deixados. Não há identidade. Apenas

um registo numérico. Uma invisibilidade que reproduz o destino dos judeus em Auschwitz, despossuídos do nome para não serem identificados. Para que deixassem de existir e não fossem chorados.

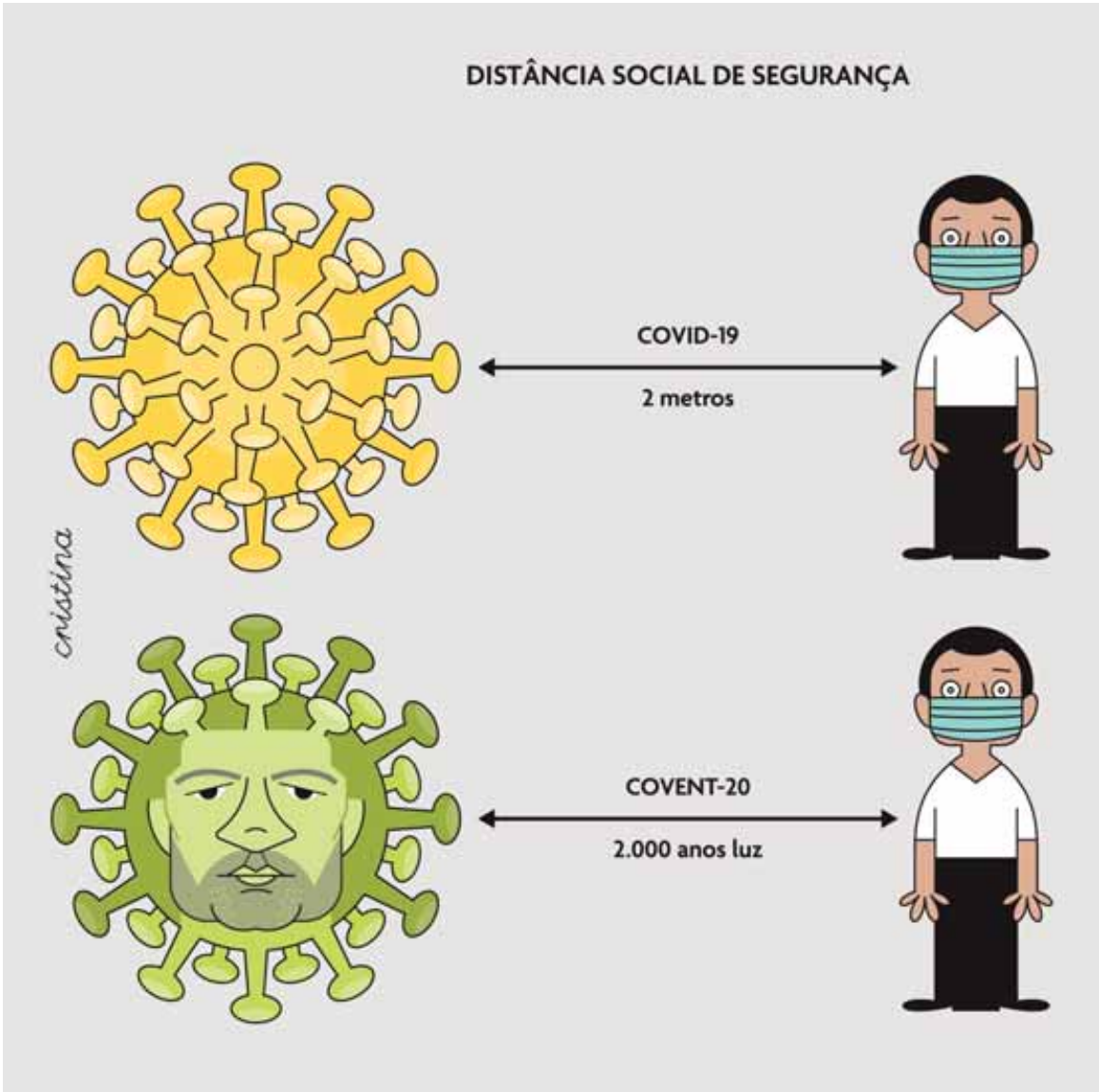
O que está a acontecer na nossa relação com a morte não é surpresa. Os sintomas estavam aí. Agora intensificaram-se bruscamente. Já sabíamos que se havia burocratizado e desumanizado, perdida na voragem do tempo produtivista. A paragem, contemplação e seus rituais não se compadecem com outro ser invisível todo-poderoso, os mercados, que fazem com que a maioria apenas consiga lutar pela sobrevivência. Agora temos também o vírus. E se os mais privilegiados tinham sonhos de imortalidade, que a tecnologia prometia, ou desejos de prolongar a vida, através do esforço, do exercício, de uma vida saudável, da ausência de traumas, enfim, com muita disciplina, eles também esmoreceram.

A epidemia veio lembrar-nos que permanecemos enraizados na nossa existência corporal com todos os perigos que isso implica. E, no entanto, temos dificuldade em admitir a vulnerabilidade a que estamos submetidos. Custa-nos aceitar que vírus, epidemias e morte fazem parte da vida. É como a dor e o sofrimento. A sensibilidade contemporânea entende-as como doença, erro, algo a ser negado, evitado ou corrigido.

Talvez seja necessário produzir novas imagens, outros sentidos, que façam existir tudo o que a negação da realidade tem impedido de revelar. Os números são utilizados para sustentar uma imagem que reproduz invisibilidade e que nega a gravidade e dor pelas mortes expostas nas estatísticas. É preciso imaginar uma nova vida sob condições virais. E isso passa também por não permitir que as consequências do momento actual transformem em definitivo o sentido da morte numa mera abstracção.

Jornalista

Desalinho
Cristina Sampaio



A seguir
Medidas de desconfinamento em França e Espanha



Lento despertar

A França inicia amanhã o seu plano de desconfinamento, que se estende até ao dia 2 de Junho, recomendando o uso de máscara e o teletrabalho e restringindo as deslocações. Os estabelecimentos comerciais, à excepção de cafés, bares e restaurantes, podem reabrir, com limites ao número de clientes e distância de um metro entre eles. O Governo francês marcou ainda o regresso às aulas para este dia, de forma progressiva e voluntária, permitindo aos pais decidirem se querem ou não enviar os filhos para os estabelecimentos de ensino. Os transportes públicos urbanos,

até agora muito limitados, podem aumentar de frequência a partir desta data, com a ocupação alternada de lugares e, nas horas de ponta, reservados a trabalhadores. Em Espanha, o plano de desconfinamento começou no dia 4 de Maio e prolonga-se até ao final de Junho, em quatro fases de duas semanas cada, aplicadas diferentemente consoante as regiões. A “fase um” teve início numa ilha das Baleares e três das Canárias e começa também amanhã a ser estendida ao resto do território, mediante a avaliação de vários critérios por província a província.

16 **Série Ciências Sociais em Público (VI)**
“É a economia, estúpido?” A Europa, a economia e o voto

22 **Estar bem**
Todos para a mesa! Obesidade infantil, factores psicológicos e os tempos que correm

23 **Crónica**
Um farol no 1.º andar e no meio da distopia

24 **Opinião**
Entre o amor e o ódio

Ficha técnica
Director Manuel Carvalho
Directora de Arte Sónia Matos
Editor Sérgio B. Gomes
Designers Marco Ferreira e Sandra Silva
Email sgomes@publico.pt

Nós e eles



Grande angular António Barreto

A pressão ilegal de imigrantes e refugiados tem deixado a Europa em transe. Há europeus apavorados. Outros em fúria e com ganas de esfolar. Outros ainda com vontade de fechar fronteiras. E outros paralisados.

A pressão, muitas vezes racista, de grupos anti-racistas, sobretudo brancos e africanos, tem contribuído para provocar reacções xenófobas.

O comportamento irresponsável de certas esquerdas, na tentativa de exacerbar a luta entre etnias, faz o que pode para abrir uma questão racial.

Para completar o quadro, a pandemia despertou todos os imagináveis sentimentos xenófobos, na convicção de que as fronteiras fechadas são os melhores antídotos contra a proliferação do vírus.

Por enquanto, em Portugal, o clima não é ameaçador. Alguns grupos de esquerda, em luta contra o sistema democrático, mal se fazem ouvir. Umas tantas associações anti-racistas esforçam-se, por enquanto sem grande êxito, por azedar o espaço público. Outros grupos, à direita, provocam as minorias numa tentativa, por enquanto frustrada, de glorificar o nacionalismo.

É verdade que há vezes que incomodam, mas não parece haver perigo iminente. Por isso são de admirar as reacções às opiniões do deputado André Ventura. A importância destas é inversamente proporcional ao alarido que provocam. O senhor disse umas tolices sobre ciganos e o mundo político caiu-lhe em cima. Que vem aí o fascismo. Que é necessário reagir e mobilizar (antigamente dizia-se “avisar a malta”), antes que sejam milhões a dizer o mesmo.

É tão estranho! A democracia portuguesa está assim tão frágil que não permite que haja uns tantos tolos racistas e umas dúzias de xenófobos? É outra vez a

história de um prurido provocar a maré-cheia? Estará assim Portugal tão fraco que uma palpação irracional ameaça as liberdades e a decência? É que... se assim for, estamos mesmo mal!

Necessitamos de políticas sobre as migrações, os refugiados, os negreiros da hotelaria, o narcotráfico e a violência contra as mulheres... Mas não necessitamos de políticas dirigidas aos ciganos, aos muçulmanos, aos africanos ou aos chineses... Uma das manifestações mais odiosas do racismo é a que identifica defeitos com grupos étnicos. É nesse momento que, em vez de lutar contra o crime, se passa a lutar contra um grupo. É tão criminoso lutar, em Portugal, contra o “banditismo cigano” como contra o “racismo branco”. Contra a “corrupção angolana” como contra o “nepotismo português”. Contra o “terrorismo árabe” como contra a “máfia ucraniana”. Mas contra qualquer daqueles crimes, sem designação de etnia, sim, com certeza.

Há ciganos que recusam a integração, não pagam impostos e roubam? Há. Como brancos europeus. E árabes também. Todos merecem o mesmo tratamento. Há brasileiros que vivem do proxenetismo e do lenocínio? Negros também. Ciganos, brancos, espanhóis e portugueses também. Todos merecem o mesmo tratamento. O racismo russo ou indiano não é melhor nem pior do que o americano ou francês. E o de direita não é mais perigoso do que o de esquerda.

Como é evidente, existem problemas, não com todos, mas com alguns ciganos, por causa de comportamentos peculiares. Como existem com alguns muçulmanos, indianos, chineses, brasileiros, cabo-verdianos e muitos portugueses (até porque há mais...). Existem problemas

quando grupos cultivam crenças e têm costumes contrários aos que as leis permitem, como por exemplo bater nas mulheres, nos velhos e nas crianças, praticar a excisão e a fibulação, vender crianças para casamento e outras variedades conhecidas. Existem ainda problemas com alguns portugueses, mas também com angolanos, russos, chineses, paquistaneses e espanhóis envolvidos em negócios menos claros, em actos de favoritismo, corrupção, desvios de dinheiros e fuga ao fisco. Todos estes comportamentos exigem acção das polícias, da Justiça e de outras entidades defensoras dos direitos humanos, mas não exigem tratamento étnico especializado, que é o traço do racismo e do preconceito. Que é o que o deputado André Ventura gosta de fazer, no Parlamento e na televisão, com a notável experiência que adquiriu num das áreas humanas mais favoráveis ao preconceito, à corrupção e à violência: o futebol!

O preconceito, a xenofobia e o racismo: eis alguns dos defeitos mais baixos da humanidade. As suas manifestações voltam com enorme facilidade. São da autoria de muita gente. São reacções de pessoas fracas de espírito. É gente que usa um dispositivo odioso, o da generalização. Culpa sempre os outros por qualquer coisa. Atribui aos outros as responsabilidades por tudo quanto corre mal. Considera que eliminar, proibir, calar e expulsar os outros são soluções para os seus problemas.

O diabo está nas generalizações. De género conhecido: os portugueses são racistas. Os judeus são usurários, os negros preguiçosos, os árabes ladrões, os muçulmanos terroristas, os ingleses piratas, os holandeses maricas, os ciganos vendedores de droga e os alemães nazis. E poderia

continuar até ao infinito: os indianos desconfiados, os romenos vigaristas, os chineses canibais, os americanos atrasados mentais. Quanto aos espanhóis... estamos conversados...

Muito curiosa é a reacção de gente oportunista de alto calibre. Já há quem faça apelos contra o fascismo, quem estabeleça paralelos com a pior escumalha deste mundo. Mas sempre com um fito: aproveitar politicamente. Lutar contra a direita, que culpam de fascista e de nazi. Lutar contra os brancos, os europeus, os cristãos, os democratas... Como se o racismo e a xenofobia fossem necessariamente de direita. Recordo o que dizia Jorge Almeida Fernandes há mais de vinte anos: “Um anti-semita não é necessariamente um nazi!” É exactamente o que se pode dizer hoje de qualquer forma de racismo, de preconceito religioso e de xenofobia: há disso nas direitas e nas esquerdas, entre ricos e pobres, no meio dos brancos e dos negros e em círculos cristãos ou muçulmanos.

É verdade que há hoje factores de sobra que convidam ao irracional. A democracia está em crise. A Europa também. A política não tem muito boa reputação. A corrupção vinga. As crises das migrações e dos falsos refugiados ameaçam a estabilidade europeia. Os europeus e os democratas têm dificuldade em assumir uma posição simultaneamente liberal e de firmeza, isto é, que aceite o princípio da legalidade e do controlo das migrações. A pandemia em curso veio agravar tudo: para muitos, fechar as fronteiras foi a solução. O preconceito não é a melhor resposta. Não é sequer uma resposta.

Sociólogo

A democracia portuguesa está assim tão frágil que não permite que haja uns tantos tolos racistas e umas dúzias de xenófobos?

Leonardo Mathias

De fiel salazarista
a diplomata
exemplar da
democracia

Obituário O pano caiu em Paris, cidade onde Leonardo Mathias se reformou. Diplomata toda a vida, serviu o Estado Novo e a democracia. “Não vejo contradição. Serve-se o Estado, não o regime”, diz Ramalho Eanes. A história do “filho do Mathias” que se tornou um exemplo no pós-25 de Abril e o mais jovem “embaixador *full rank*” de que há memória

Por Bárbara Reis





A primeira vez que Leonardo Mathias quis deixar de ser diplomata, foi por uma razão prosaica: ganhar cinco vezes mais. Estava no Ministério dos Negócios Estrangeiros há uma década, tinha 30 anos, três filhos pequenos e recebia quatro contos por mês. Ir ganhar 20 na Sociedade Financeira Portuguesa, privada e acabada de nascer, era uma novidade e uma tentação.

Quem o desafiou a sair do “caminho natural” foi Luís Teixeira Pinto, um antigo ministro da Economia do Governo de António de Oliveira Salazar. “Preparei-me para avançar. Fui visitar as pessoas que ele me recomendou e ver o curso rápido que deveria fazer, em Londres, Bruxelas ou Luxemburgo”, revelou Mathias numa entrevista inédita, feita em 2013 pelo historiador Pedro Aires Oliveira para o projecto *Memória Oral da Diplomacia Portuguesa*. No “processo de decisão”, o jovem diplomata sentiu que devia escrever uma carta a Marcello Caetano, primeiro-ministro, que o recebera “muito bem” em 1968, antes de uma missão a Nova Iorque para defender as posições de Portugal na temida Quarta Comissão da ONU, dedicada à descolonização.

— Escrevi-lhe, agradecendo-lhe muito o que havia feito por mim, mas que considerava que a minha carreira na diplomacia já havia chegado ao fim e que desejava trabalhar no sector privado. Ele escreveu-me de volta, referindo que isso lhe causava o maior pesar, que eu era um dos melhores no ministério e que ele estaria disposto a atribuir-me um posto agradável no estrangeiro.

Agora que morreu — a 22 de Abril, em Lisboa, aos 84 anos — a expressão “um dos melhores no ministério” foi repetida por muitas das 25 pessoas que falaram sobre Leonardo Mathias ao P2, incluindo colegas que nunca gostaram dele. Leonardo Mathias foi promovido à categoria de embaixador — “embaixador *full rank*” — aos 46 anos e não há memória no ministério de isso ter acontecido a mais nenhum diplomata no último século. O mais próximo são os embaixadores João Hall Themido, promovido a embaixador em 1971, quando tinha 47 anos, e António Vaz Pereira, promovido em 1976, também aos 47 anos.

Quando escreve a carta a Caetano, Leonardo Mathias seria — ainda — visto como “o filho” de Marcello Mathias, diplomata da maior confiança política e pessoal de Salazar, seu ministro dos Negócios Estrangeiros entre 1958 e 1961, embaixador em Paris durante 24 anos e a quem o ditador recorreu para comprar um anel para a jornalista francesa Christine Garnier. No *Diário*, os 72 livros onde Salazar anotou com minúcia os seus 48 anos no poder — digitalizados pelo Arquivo Nacional/Torre do Tombo —, há 938 referências a Marcello Mathias, um terço das

Dinastia Mathias

Da esquerda para a direita, Marcello Mathias — diplomata da maior confiança política e pessoal de Salazar, seu ministro dos Negócios Estrangeiros entre 1958 e 1961 — e dois dos seus três filhos, os também embaixadores Leonardo Mathias e Marcello Duarte Mathias

quais na década de 60.

A forma como entrou no MNE reforçava o rótulo de “filho do Mathias”: em 1958, foi contratado como secretário do pai, na altura chefe da diplomacia portuguesa. Tinha 22 anos, acabara de se licenciar em Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Lisboa, estava a escrever a tese final (*Alguns Pintores da Escola Impressionista em Portugal — A Coleção Calouste Gulbenkian*) e não tinha feito o concurso de admissão à carreira.

É dois anos depois, nas vésperas do Natal, que entra nos quadros do MNE como adido — o nível mais baixo da hierarquia diplomática. “Na altura, havia poucos diplomatas e nesse ano havia a lei que dispensava do concurso quem terminasse a universidade com 14 valores, considerado ‘com distinção’, e por isso o Leonardo não teve de prestar provas”, conta ao PÚBLICO o irmão, Marcello Duarte Mathias, de 81 anos, que também foi diplomata e também se reformou como embaixador.

“Quería falar com o paizinho...”

Formalmente, Leonardo Charles de Zaffiri Duarte Mathias inicia a carreira a 22 de Dezembro de 1960, quando é nomeado “adido de legação” (nome que se dava às embaixadas), “no quadro dos 3.ºs secretários”. Nesse dia, entre as 19h30 e as 21h30, o pai foi a despacho a casa de Salazar, na Rua da Imprensa, à Estrela, em Lisboa. No *Diário*, o Presidente do Conselho anotou: “M.º dos Neg. Est. — sobre a actuação na NATO — discursos e conversas”. Terão falado sobre o “dia um” da carreira do jovem Mathias?

Duas semanas depois, Leonardo Mathias casa com Isabel Teixeira Bandeira de Mello, a sua primeira mulher, cujo pai, conde de Rilhas — por isso é conhecida como Isabel Rilhas — exigira que casassem depois de o noivo entrar no MNE. “Conheci o Leonardo num jantar de amigos e percebi logo que era um rapaz diferente”, conta ao P2 Isabel Rilhas, de 85 anos, pioneira pára-quedista e “ferrenha monárquica” (“Deus, pátria, rei — fui educada assim”). “Ele não era do meu grupo. Até se dava com princesas, porque vivia no Estoril, mas nós dávamo-nos só com ‘as famílias’. O Leonardo era um *outsider* e era muito mais inteligente do que os ‘patós’ que eu conhecia, todos ‘filhos da mamã’. Ao fim de três meses, pediu-me em casamento.”

Depois da boda, também ao fim de três meses, chegam à África do Sul para o primeiro posto no estrangeiro. Com 25 anos e apenas um de experiência como adido, Leonardo Mathias era cônsul na Cidade do Cabo. “Pouco depois de chegarmos, um homem bateu à porta do consulado e disse que queria falar com o ‘dr. Mathias’. Quando entrou e viu o Leonardo, disse: ‘Ah, desculpe, queria falar com o paizinho...’. ‘Eu sou o cônsul, em que posso ajudar?’. O homem falou, falou, falou...”, conta Isabel Rilhas. Queria marcar território e dizer que o representante da comunidade portuguesa era ele — e não o cônsul. “O Leonardo, que nunca interrompia as pessoas, ouviu e no fim respondeu-lhe que estava ali enviado pelo Estado português para representar e apoiar a comunidade portuguesa e que esse era o seu trabalho. ‘Olhe que vai ter dissabores!’, disse o homem, muito zangado. Saiu de lá furioso!”

Seguem-se três anos no Cabo, três em Madrid e cinco em Lisboa, como chefe da secção de Política África-Ásia, quando

África estava no centro da política externa portuguesa e o regime era criticado por inimigos e aliados por causa das colónias. É nesta altura que surge o convite para a Sociedade Financeira Portuguesa e em que Mathias pensa deixar a diplomacia.

Saíra desiludido do encontro com Marcello Caetano em São Bento – “a decepção não poderia ter sido maior”, contou a Aires Oliveira na entrevista do projecto feito numa parceria entre a Associação dos Amigos do Arquivo Histórico Diplomático, o Instituto Diplomático e o Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Mas a carta de Caetano em resposta à sua demove-o e Mathias acabou por desistir, prescindindo do salário de 20 contos, que hoje seria um aumento de 5000 euros mensais.

– A carta, assim descrita, não parece tão reveladora de obrigatoriedade como era. Naquela altura, eu não podia ignorá-la. Resolvi ficar e, no movimento seguinte, fui colocado em Roma.

A “algazarra do 25 de Abril”

Mathias chega a Itália em 1972, com 36 anos e promovido a primeiro-secretário. Roma é uma capital de grande circulação diplomática e relevante para a política externa do Estado Novo. É lá que os governantes portugueses fazem escala a caminho das colónias e é lá que o Papa recebe os líderes africanos dos movimentos de libertação – a quem o regime chama “terroristas”. Neste ambiente adverso, Mathias emerge como peça imprescindível na embaixada.

Em Julho de 1973, dias após a revelação do massacre de Wiriyamu, a aldeia moçambicana onde o Exército português matara 400 civis – e cuja denúncia se suspeitava ter sido feita por um padre católico inglês –, o embaixador Armando Martins escreve ao ministro Rui Patrício, em Lisboa: “Lembro próximas reuniões conselho FAO [Organização para a Alimentação e Agricultura da ONU] 5 a 8 e 30 Novembro e Assembleia Geral 10 a 29 Novembro. Prevê-se nestas reuniões seja debatida posição Portugal e possivelmente até sua expulsão. Leonardo Mathias conhece bem FAO e tem ali boas relações e considero inconveniente retirá-lo durante ocasião tudo faz crer venha a ser grave.”

É em Roma que, nove meses depois, a surpresa do 25 de Abril apanha Mathias. “Houve pessoas despedidas da embaixada de um dia para o outro – primeiro foi o conselheiro comercial, o conde de Mesquitela, depois o conselheiro de imprensa, Mário Matos e Lemos...”, diz Isabel Rilvas. Foram ambos readmitidos mais tarde e colocados em Dacar e Moscovo, mas naqueles meses de incerteza “estávamos sempre à espera de saber quando seria o Leonardo”. No apartamento da Avenida Estados Unidos da América, em Lisboa, onde continua a morar, Isabel Rilvas “punha o televisor aos berros e colava o telefone para o Leonardo ouvir as notícias”. “Vamos embora daqui ou não?”, perguntou-lhe. “Não, deixa-te ficar, para os miúdos acabarem o ano lectivo.” Teve medo? “Não. Nunca pensei que viessem chatear-nos. Talvez por conhecer muitos militares, por causa do pára-quedismo. Tirei três *brevets* em França e, para não perderem a validade, tinha de dar saltos todos os anos. Por isso ia muito a Tancos –



“

*[Leonardo Mathias]
Foi um dos
melhores
embaixadores com
quem trabalhei e
tive ocasião de
trabalhar com
embaixadores de
grande
envergadura*
António Ramalho
Eanes

o [general] Kaúlza de Arriaga deixava-me dar lá saltos. Ficaria espantada se nos fizessem alguma coisa.” Além disso, sublinha o irmão Marcello, “em 1974, o Leonardo não tinha responsabilidade política, não tinha tomado decisões”.

Uma coisa era a teoria, outra era saber que, “em 1975, a família Mathias talvez não fosse a família mais acarinhada no MNE”, ironiza o filho mais novo do embaixador Mathias, que tem o nome igual ao do pai.

Na prática, semanas após a Revolução, Marcello Mathias-pai, o antigo ministro de Salazar, foi saneado da Fundação Calouste Gulbenkian, onde era administrador, e foi para Paris. “O meu avô foi tirado da Gulbenkian com dois chaimites”, diz Leonardo Mathias, empresário, militante do CDS e secretário de Estado Adjunto e da Economia no governo PSD-CDS liderado por Pedro Passos Coelho.

A 25 de Julho de 1974, na tomada de posse da comissão para o saneamento da função pública criada para propor a “suspensão, transferência, aposentação ou demissão” de funcionários e adaptar a Administração Pública à democracia, o coronel Vasco Gonçalves, primeiro-ministro, disse que os membros da comissão “têm de ser firmes na sua tarefa, sem serem cruéis nem injustos”, mas que “a democracia não se edifica com gente demasiadamente comprometida com o regime anterior – não se edifica com os fascistas”, lê-se num recorte do *Diário de Notícias* incluído no livro *1974 – O Ano que Começou em Abril*, de António Luís Marinho e Mário Carneiro (Temas e Debates, 2014).

Quarenta anos depois, já embaixador, Leonardo Mathias chamou-lhe a “algazarra do 25 de Abril”.

– Nessa altura, tive, novamente, vontade de sair do ministério – conta na entrevista a Aires Oliveira –. Tudo se encontrava numa grande confusão, os responsáveis políticos diziam-se e desdiziam-se. Eu era amigo do Eduardo Saoma, director-geral da FAO, e perguntei-lhe se ele não me arranjava um lugar. Ele disse que eu poderia ir para chefe de protocolo porque o detentor do cargo saía em duas semanas. Vim a Lisboa falar com o [ministro Ernesto] Melo Antunes, com quem já tinha uma certa relação de intimidade. Pedi-lhe se me dava licença de sair do ministério. Ele pediu-me para não fazer isso, que me queria colocar no lugar que me fosse agradável. Perguntei-lhe onde. Respondeu-me que poderia ir para embaixador na Zâmbia. Fiquei derrotado e respondi que para a Zâmbia não poderia ir, porque ainda há seis meses lá havia estado a defender que não poderíamos sair de África. Disse-me que iria pensar.

Na noite seguinte, o major Melo Antunes – que fez parte do movimento dos “capitães de Abril” que derrubou a ditadura e foi ministro dos Negócios Estrangeiros entre Março de 1975 e Julho de 1976, à excepção de cinco semanas –, ligou a Mathias para lhe propor o Iraque, onde não havia embaixada.

– Foi muito simpático, porque eu não conhecia o Médio Oriente, com a excepção do Líbano – diz o diplomata na entrevista inédita.



Irmãos

Em cima, Leonardo com o irmão Marcello no MNE, por ocasião da entrega do espólio de Franco Nogueira à Biblioteca da Rainha, em 2018. No topo, com Mário Soares, por causa da suspensão da construção da barragem de Foz Côa. Em baixo, em Israel, em 1979

A surpresa de Bagdad

“Em 1976, o Iraque valia muito em termos comerciais para Portugal”, diz Luiz Barreiros, embaixador no Iraque entre 2001 e 2004. “Por causa da construção civil – havia palácios de Saddam Hussein e grandes infra-estruturas em cuja construção estavam envolvidas empresas portuguesas, além do fornecimento de mármore; por causa do petróleo – sempre me disseram que o crude iraquiano era o ideal para a refinaria de Sines; e por causa da indústria farmacêutica.”

Vasco Valente, que entrou no MNE dez anos depois de Mathias e também se jubilou como embaixador, diz que em 1976 o seu colega e futuro chefe já era visto como “um dos melhores diplomatas da sua geração” e interpretou a ida para Bagdad “como uma prova de confiança”.

Até 1972, quando a Iraq Petroleum Company foi nacionalizada, a Fundação Gulbenkian tinha 5% da empresa e fazia grandes investimentos no país, como construir o Esta-
dio do Povo de Bagdad,



desenhado pelos arquitectos Francisco Keil do Amaral e Carlos Ventura Ramos. “O Melo Antunes disse ao Leonardo que ele só tratava da parte diplomática e que o petróleo era com ele”, conta Isabel Rilvas.

“Conheciamo-nos bem, porque nessa altura todos iam a Roma. Fiquei espantada com a sua cultura: depois das reuniões, o Melo Antunes ia às livrarias e às discotecas e sabia sempre muito bem o que procurava. Não era só o maestro. Ele queria uns intérpretes e não outros.”

Em pleno Verão Quente, o “velho” Mathias está exilado em Paris, mas os filhos não só se mantêm no MNE, como progridem na carreira. O mais novo, Marcello, apanhado pelo 25 de Abril na embaixada em Brasília, ficou mais três anos e em 1977 foi transferido para Bruxelas, quando Portugal apresentou a candidatura de adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE), hoje União Europeia. “A mim, o 25 de Abril promoveu-me e colocou-me em Bruxelas, que não se pode dizer que seja um mau posto – fiz parte da primeira equipa que foi preparar a adesão à CEE”, diz o embaixador. E o mais velho, Leonardo, foi promovido e enviado como embaixador (ainda só com credenciais) para abrir uma embaixada num país com importância estratégica.

No Iraque, saiu-se “lindamente”, dizem vários colegas. A diplomata Ana Gomes, ex-eurodeputada do PS, conta que em 1992, quando Leonardo Mathias foi nomeado coordenador europeu para o processo de paz no Médio Oriente – presidindo à *troika* europeia – propôs que fossem conhecer os envolvidos. “Não podemos falar de cor, temos de ir ao terreno.” Atravessaram o Médio Oriente de carro durante 20 dias – Cairo, Faixa de Gaza, Telavive, Jerusalém, Jericó, Amã, Damasco, Beirute. “Sempre que chegávamos a um sítio, apareciam árabes de braços abertos a gritar: *‘My brother, my brother!’*”, conta Ana Gomes. “Eram pessoas que o Leonardo conhecia dos anos de Bagdad e de quem ficara amigo. Ser sociável, simpático e saber ouvir faz parte do sucesso e da competência do Leonardo, que é uma competência extraordinária. O Leonardo foi um dos melhores diplomatas que eu conheci – de longe. Há diplomatas muito bons, mas eu ponho dois nos píncaros: Vasco Futscher Pereira e Leonardo Mathias.” Anos mais tarde, estiveram os dois no programa da RTP para eleger “o maior português de sempre” – Ana Gomes lutou por Vasco da Gama,

Mathias lutou por Salazar.

A seguir ao 25 de Abril, o ambiente era de saneamentos no Estado, mas o MNE precisava de diplomatas. Em poucos meses, Portugal passou a ter relações diplomáticas com 37 novos países. Nas escadarias do Palácio das Necessidades, num discurso após a mudança de regime, Mário Soares, primeiro ministro dos Negócios Estrangeiros da democracia, definiu o futuro: “Quero dizer-vos duas coisas: a política externa portuguesa vai mudar radicalmente, 180 graus, em todos os sentidos. Os senhores diplomatas são livres de aceitar ou não. No meu ministério, não haverá saneamentos. Mas espero que sejam leais comigo”, conta Soares na sua autobiografia *Um Político Assume-se* (Temas e Debates, 2011).

Em 1979, após três anos no Iraque, Mathias vai para Nova Iorque como número dois do embaixador Futscher Pereira na missão permanente de Portugal junto da ONU. A ideia era reforçar a equipa que ia fazer a campanha para a eleição de um lugar no Conselho de Segurança. Portugal ganhou a Malta e Mathias ficou dois anos.

– Tínhamos uma democracia. Havíamos sido condenados durante anos pelas Nações Unidas e, recuperada a pureza, tínhamos direito a um lugar. Isso jogou a nosso favor – disse em 2013.

O historiador Aires Oliveira fala de Leonardo Mathias como pertencendo à “família das personagens políticas que fizeram a transição de regimes com



maleabilidade e vontade de servir o Estado independentemente de quem está no poder, pessoas que atravessam épocas históricas e não se vêem como oportunistas – [Charles-Maurice de] Talleyrand é o exemplo acabado dessa capacidade, o homem que dizia que ‘a traição é uma questão de datas’”. Mathias “era diplomata – era essa a sua profissão – e acreditava na ideia de interesse nacional e continuidade do Estado”, diz. “Por muito que discordasse das políticas dos Governos da democracia, quis sempre servir o Estado.” Não terá sido muito difícil, acrescenta o historiador, pois a seguir ao Verão Quente “ficou claro que Portugal estava no lado certo da Cortina de Ferro, defendia a democracia, estava na NATO, tinha uma economia de mercado – tudo ideias que Mathias podia defender sem ter de abdicar dos seus princípios”. Foi “até governante, servindo o Estado no primeiro Governo de direita a seguir a 1974 – um claro compromisso com o novo regime”. Alguns diplomatas do Estado Novo que transitaram para a democracia, diz Aires Oliveira, “deixaram o seu lastro salazarista vir ao de cima aqui e ali – esse não parece ter sido o caso de Leonardo Mathias”.

“O passado não significa nada”

“Politicamente, o meu pai era um homem livre, o que por vezes lhe trouxe alguns dissabores – talvez uma das razões pelas quais não chegou a ser ministro. Defendia que não devíamos ser filiados em nada e até lhe fazia confusão eu ser militante de um partido. Acreditava que devia servir o Estado para defender os interesses do país – ao limite, servir o Melo Antunes”, diz Leonardo Mathias. Era salazarista? “O meu pai era um democrata. Viveu a experiência do Estado Novo por dentro e nunca o renegou – nunca ouvi ninguém em casa dizer nada em relação ao Estado Novo. Mas não era de uma direita reaccionária.” Maria Mathias Cortez de Lobão, a filha mais velha – teóloga, empresária agrícola e vice-presidente da Cáritas Diocesana de Lisboa – lembra-se de haver uma fotografia de Salazar na casa do avô e do “sobressalto de alma” que foi assistir ao fim do Império Português, na descrição oficial da época. “O meu pai serviu o Estado Novo porque na altura Portugal tinha o Estado Novo. E defendia que ‘não era preciso soprar os ventos da História’ para a acelerar.” Na família, diz, “houve uma tristeza profunda com a entrega das colónias – ninguém achou que era uma inevitabilidade histórica. Mas o meu pai dizia que ter saudosismo era uma patetice que não levava a nada”.

A viúva, Theresa Mayer Mathias, com quem o embaixador casou em 1992 – que foi sua secretária e a seguir trabalhou no Protocolo de Estado – responde à pergunta sem complexos: “Não tenho razão de queixa do antigo regime e a transição foi *shaky*. O Leonardo dizia que o Estado Novo era o regime que havia e que tinha de ter havido. Mas também dizia que a democracia era o melhor de todos os regimes e que não faria sentido haver um país na ponta da Europa com um regime autoritário.”

“O passado não significa nada”, diz ao P2 o general António Ramalho Eanes, Presidente da República entre 1976 e 1986, que trabalhou e privou com o embaixador Mathias. “Miguel Caetano é filho de Marcello Caetano, mas sempre foi um

democrata da vanguarda. É possível ter servido bem o antigo regime e servir bem a democracia – não vejo contradição. Serve-se o Estado, não o regime. No fundo, o embaixador Mathias era um democrata.”

Foi seguramente com esse novo espírito que, nos anos 80, Mathias trabalhou na reaproximação política com as antigas colónias. A forma como desempenhou as funções de secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, como braço direito do ministro André Gonçalves Pereira, no Governo de Francisco Pinto Balsemão, “foi marcante”, diz Valente. “Ele tinha a responsabilidade das relações com os PALOP e conduziu-as com muita sensibilidade política. Combinou na dose certa a afabilidade e a firmeza. Nessa época eu estava na Repartição África do ministério, responsável pela África Austral, e não tenho hesitação em dizer que, pela forma como soube relacionar-se com os interlocutores, foi com ele que começou, verdadeiramente, ao nível de Governo, a desdramatização e descrispação nas relações de Portugal com as ex-colónias, em particular Angola e Moçambique. O diálogo passou a ser mais frequente e mais fácil.” José Luís Gomes, na altura assessor diplomático de Balsemão, sublinha que Mathias “abordava os problemas com grande facilidade e, como se tudo fosse fácil, os resolvia”.

Reconciliação com ex-colónias

Quando, em 1982, Eanes fez a “apoteótica visita a Angola” – a primeira de um chefe de Estado português após a independência – Gonçalves Pereira “entendeu não ir e foi substituído por Leonardo Mathias”, conta Fernando d’Oliveira Neves, na altura chefe de gabinete de Mathias. A negociação do comunicado conjunto final estava a cargo de Paulouro das Neves, director para a África Subsariana, e do embaixador de Angola em Lisboa, Adriano Sebastião, e chegou-se a “um impasse devido à dureza da frase proposta pelos angolanos de apoio à luta [dos guerrilheiros] da SWAPO pela independência da Namíbia e, se não me engano, também à da condenação do *apartheid*”. Para tentar desbloquear, foi organizado um almoço com o vice-ministro das Relações Externas de Angola, Venâncio de Moura. “Lá fomos, para o aperitivo, prosseguir o debate sobre a linguagem das duas frases com a formalidade habitual, ‘Vossa Excelência secretário de Estado’ prá’qui, ‘Senhor vice-ministro’ prá’li, e não se avançava um milímetro. Leonardo, com a sua perspicácia e suavidade, ia a pouco e pouco relativizando a pertinência daquelas frases e descontraindo o ambiente. A certa altura, com a sua intuição ímpar, diz: ‘Mas ó Venâncio, tu queres mesmo meter esta merda aqui?’. O ambiente desanuviou imediatamente e fomos para a mesa numa galhofa, como se fossem velhos amigos.”

A viagem a Angola começara bem, “com uma multidão pelo caminho que aplaudia e vitoriava Portugal”, disse Mathias na entrevista a Aires Oliveira, mas no jantar oficial, depois de Eanes ter defendido um futuro de cooperação, “o Presidente José Eduardo dos Santos respondeu com um violento discurso contra a política portuguesa, com constantes referências ao fascismo, aos seus males e aos crimes do colonialismo como se fossem coisas do momento”. “A delegação portuguesa gelou” e houve “reações enervadas sugerindo o



Trabalho e família

No topo, na casa do pai no Estoril; em cima, com a família e Ronald Reagan, durante a visita do Presidente dos EUA a Portugal, em 1982; ao lado, durante uma sessão da Comissão Política Especial da ONU, em 1981

imediatamente e fomos para a mesa numa galhofa, como se fossem velhos amigos.”

A viagem a Angola começara bem, “com uma multidão pelo caminho que aplaudia e vitoriava Portugal”, disse Mathias na entrevista a Aires Oliveira, mas no jantar oficial, depois de Eanes ter defendido um futuro de cooperação, “o Presidente José Eduardo dos Santos respondeu com um violento discurso contra a política portuguesa, com constantes referências ao fascismo, aos seus males e aos crimes do colonialismo como se fossem coisas do momento”. “A delegação portuguesa gelou” e houve “reações enervadas sugerindo o

português. Se estivesse em viagem particular, ia-me embora, mas se fosse o Presidente de Portugal, teria de haver mais razões para cortar as relações com Angola. Se, pelo contrário, continuasse a visita, constata-se como eram boas as nossas relações. Esse era o facto determinante da nossa vinda e deveria comandar a nossa atitude. Tinha sido muito desagradável, mas eu estava convencido que a situação não se repetiria. Eanes pediu a opinião do Bayão Horta, que concordou comigo, e do Melo Antunes, que também concordou. Não houve mais incidentes. A partir daí a viagem correu muito bem e terminou com um espectáculo onde se cantou o fado.”

“Olha, vais ser ministro”

Em Junho, dois meses depois da visita a Angola, Gonçalves Pereira demite-se. A expectativa é que o sucessor seja Mathias, seu amigo íntimo e número dois. Um colega conta que Mathias foi buscar Gonçalves Pereira ao aeroporto e que, “no caminho para as Necessidades, o ministro lhe diz: ‘Olha, vais ser ministro.’ O Leonardo ficou todo contente. Depois não sei o que aconteceu.”

Ainda hoje não se sabe. A filha desdramatiza: “Foi uma medida política inteligente e pragmática: o meu pai era um alvo fácil a abater num governo da AD, era ‘o filho do ministro de Salazar’”, diz Maria



Lobão. Para ministro, foi escolhido Futscher Pereira, embaixador em Washington. “Alguém sugeriu: ‘Podíamos mandar o Leonardo para Washington, ele já foi embaixador em Bagdad. Podia ir como encarregado de negócios’”, diz Isabel Rilvas. “Ele era jovem, tinha só 46 anos. Mas Eanes não aceitou que Portugal ficasse em último lugar nas cerimónias oficiais, que era o que aconteceria segundo as regras do protocolo, e promoveram-no a embaixador *full rank*.”

“Qualquer mortal daria pulos de contente”, diz um diplomata, mas Mathias terá levado essa mágoa para o novo posto. “Foi um período duplamente difícil: morre o sonho de ser ministro e está a separar-se da primeira mulher.” Esses foram os anos da presidência de Ronald Reagan e das visitas de Eanes aos EUA e de Reagan a Portugal. O antigo Presidente português lembra-se bem da utilidade dos conselhos de Mathias: “Eu ia preparado para discutir com Reagan questões políticas que nos preocupavam, como o apoio aos separatismos da Madeira – tínhamos notícias de que eram financiados por membros da comunidade madeirense nos EUA. Mas o embaixador aconselhou-me a não discutir política com Reagan e em vez disso falar com o conselheiro de Defesa Nacional. E avisou-me que Reagan só iria contar anedotas: ‘Um indivíduo chega ao fim do mês e não recebe o salário. Vai à contabilidade e dizem-lhe: você morreu. Morri como, não vê que estou aqui? Vejo,



mas o sistema informático diz que você está morto e agora vai demorar a ser corrigido. Como faço? Peça o subsídio de funeral.’ O embaixador tinha-me dito que Reagan ia contar três anedotas e que uma delas era esta. E assim foi. Garantiu que eu não fosse surpreendido.” Eanes sintetiza assim o estilo de Mathias: “Prestava uma colaboração crítica, mas sempre com um sorriso, dizendo que a ‘solução pensada era boa’, mas se calhar havia ‘outra solução’ que ‘podia ser melhor’ – e a conclusão que se tirava é que a solução dele era melhor do que a que se tinha desenhado – do que a que eu tinha desenhado. Foi um dos melhores embaixadores com quem trabalhei e tive ocasião de trabalhar com embaixadores de grande envergadura.”

“Íamos mudar o mundo”

Segue-se um posto “aliciantíssimo” (o adjectivo é seu): chefe da Representação Permanente de Portugal junto da CEE (REPER), seis meses após a adesão. Fernando Silva Marques estivera no início, mas pedira para sair e Futscher Pereira propôs Mathias. “Foi uma altura muito especial, de grande motivação e esperança”, diz Isabel Mota, presidente da Gulbenkian, na altura técnica na REPER enviada pelo ministério das Finanças para seguir os fundos estruturais. “Éramos a primeira equipa após a adesão e o Leonardo

Cavalheiros

Recepção no Palácio das Necessidades em Outubro de 1969, por ocasião da inauguração da sede e do Museu Calouste Gulbenkian. Da esq. para a dir., Leonardo Mathias, João da Rocha Páris, Paulo Barbosa, João de Deus Bramão Ramos, Vasco Valente



alimentou a ideia de que quem estava em Bruxelas tinha o privilégio de estar no início da nova realidade da integração europeia. Ele vibrou com o lugar. Éramos todos novos e íamos mudar o mundo!” Mota diz que Mathias era um “negociador nato, que irradiava simpatia e tinha um humor desarmante”: “Um dia, dei-lhe o esboço de um telegrama sobre o escoamento de manteiga, enorme e muito técnico, e ele disse: ‘Sabe o que me impressionou? O seu admirável poder de síntese.’ Era a gozar! O Leonardo era assim. Não magoava, mas toma lá! Ao longo da vida, dei por mim a pensar nessa frase muitas vezes.” Marcello Mathias, autor de vários livros, elogia os telegramas do irmão: “*Right to the point*, sem floreios, uma página, máximo 1,5. Sempre soube distinguir o essencial do acessório.”

Foi neste início, diz Nuno Jonet, conselheiro de imprensa na REPER entre 1986 e 1993, que se afirmaram, por acção de Mathias e a sua equipa, “conceitos importantes para Portugal nos anos seguintes, como ‘coesão económico-social’ e ‘especificidade do caso português’, que acabaram por ficar nos Planos Delors I e II, no Plano Específico para o Desenvolvimento da Indústria Portuguesa (PEDIP) e nas revisões dos tratados originais”.

Para surpresa de muitos, o Governo de Cavaco Silva muda Mathias para a embaixada de Brasília. “Éramos membros recentes da CEE e estávamos num momento decisivo, que era passarmos à preparação da primeira presidência portuguesa, em 1992, o que exigia uma equipa rodada”, conta Valente, na altura representante permanente adjunto na REPER.

– Saí de lá frustradíssimo. Não tínhamos podido presidir, porque o Governo entendeu – talvez bem – que não tínhamos condições para isso. Eu queria estar na presidência. As presidências, naquela altura, tinham muita importância e eu achava que eram muito úteis. Mas a culpa foi minha, porque eu comentava nas casas dos amigos portugueses – que depois foram contar ao [primeiro-ministro] Cavaco – como eram patéticos a maioria dos representantes portugueses naquela altura – contou Mathias em 2013.

Jorge Sampaio, Presidente da República entre 1996 e 2006, diz ao P2 que, por volta de 1986, quando era secretário internacional do PS, foi a Bruxelas para contactos com as instituições europeias, incluindo Jacques Delors, presidente da Comissão, e visitou a REPER. “Acontece que Lisboa teria enviado instruções no sentido de não prestar apoio a

dirigentes da oposição. Naturalmente a situação era embaraçosa, tanto mais que estava um temporal terrível e o normal seria que a missão nos tivesse prestado alguma assistência logística. Embora tivéssemos acabado por afrontar a intempérie a pé, o embaixador Mathias, com o seu tacto, inteligência e *savoir faire*, encontrou uma forma airosa de compor as coisas, embora não tivesse culpa nenhuma da situação...”.

Pedro Ribeiro de Menezes, que sucedeu Mathias em Brasília, diz que “o seu melhor momento foi o da chefia da REPER”: “Alguns (há sempre alguns...) que o catalogavam como ‘embaixador de bandeira’, bilateral e nacionalista, ou como um *dandy* de salão, [viram-no] a liderar uma vasta equipa de diplomatas e técnicos, arregaçar as mangas e estudar os mais complexos assuntos, saber mover o peão português num xadrez difícilimo de interesses opostos. Cedo os nossos parceiros em Bruxelas reconheceram o valor da representação nacional – graças, sobretudo, a Leonardo Mathias.”

“Ainda hoje não sei qual terá sido a verdadeira razão por detrás dessa transferência inesperada. Sempre esperei que qualquer rotação viesse a ter lugar a partir de 1993”, diz Valente. “O meu colega britânico perguntou-me qual a razão da transferência de um diplomata tão competente”, conta Neves, que na altura era “antici” na REPER. “Lembrei-lhe a importância da relação com o Brasil e o facto de Mathias ter estado em Bruxelas o tempo normal de um posto diplomático. Disse-me então que o director-geral dos Assuntos Europeus do Foreign Office, quando soube da transferência, comentara que *‘he punched above his weight’*”.

Paris, cai o pano

Contactado pelo P2, Cavaco Silva fez notar, através de um assessor, que, um ano antes, em 1988, o ministro João de Deus Pinheiro lhe escrevera sobre a necessidade de dar um novo impulso à embaixada de Brasília. Mas Mathias sentiu-se castigado e ponderou, mais uma vez, deixar a diplomacia. “Quando foi para o Brasil, o Leonardo pensou sair da carreira”, conta Theresa Mayer Mathias. “Foi falar com Diogo Freitas do Amaral [que fora ministro em 1980] e foi ele quem o demoveu: ‘Não saias da carreira, isso passa num instante, são só três anos.’”

Brasília “foi o período pior da sua carreira, é indelmentável”, diz Ribeiro de Menezes. “O meu sonho de sempre, o meu ‘Graal’, era Paris (‘Pedro, imaginas o que será dormir na cama do meu pai na embaixada?’, disse-me tantas vezes...). Ele venerava o pai. Depois da REPER, Paris obcecava-o mais. E não tinha qualquer interesse por Brasília, que julgava um passo ao lado. O seu erro – todos erram – foi dizê-lo.”

Conseguiu o posto de Paris e foi lá que acabou a carreira. Conta a viúva: “Só me lembro de o ver chorar duas vezes: quando morreu o filho e quando saiu da carreira. Na despedida, deu duas voltas ao quarteirão da embaixada e passou à frente do portão. Na primeira, os funcionários estavam todos cá fora a bater palmas e a dizer adeus. Na segunda – a embaixada ocupa quase um quarteirão – já todos tinham ido para dentro. As lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo. ‘Isto foi a minha vida, eu nasci com isto e isto acabou hoje. Caiu o pano...’”

As epidemias foram a arma silenciosa da conquista da América



A chegada de portugueses e espanhóis à América desatou um cataclismo biológico entre os povos indígenas. As doenças que viajaram com os europeus nas caravelas dizimaram o novo mundo. “Quem trouxe ao Maranhão a praga dos holandeses, a praga das bexigas, a fome e a esterilidade?”, perguntava o padre António Vieira

Por António Rodrigues

BENEDITO CALIXTO DE JESUS/ACERVO DO MUSEU PAULISTA DA USP



Os índios do Xingu sabem como matam as doenças que chegam de fora e barriaram-se para se protegerem da covid-19.

Até tentaram impedir o navio de entrar no porto de São Luís. Procuraram mantê-lo ao largo, alertados por notícias de que alguém acometido do mal de bexigas vinha na embarcação proveniente de Luan-da com o seu bojo carregado de braços africanos para escravizar.

Conheciam-se as histórias da epidemia de 1661, quando uma mulher do Pará dera à luz um nado-morto pela varíola e a doença disseminou o luto pelo Maranhão, no Norte do Brasil. Como conta o padre jesuíta João Filipe Bettendorf, as “bexigas contagiosas” foram-se espalhando vertiginosamente pela cidade e capitánias, “com tanto estrago dos índios que acabou a maior parte deles, morrendo também alguns filhos da terra, que tinham alguma mistura”.

Fora por essa matança, mais de 30 anos antes, que os senhores locais se haviam visto obrigados a recorrer à importação de escravos de África, dizimada a população indígena — os africanos eram mais resistentes para lidar com as doenças europeias que desde a chegada de Colombo à América vinham cobrando a sua factura fúnebre, mas também saíam mais caros aos colonos.

Mas nesse 1695 de má lembrança para o Maranhão, a cautela acabou assoberbada pela pressão dos moradores e do comandante, uns ansiavam a chegada dos escravos para os pôr ao trabalho, o outro queria ganhar o dinheiro da carga e ameaçou processar as autoridades pelas perdas e danos.

“O que parecia ser para remédio dos moradores converteu-se em sua grande ruína”, escreveu o religioso luxemburguês que sucedeu ao padre António Vieira como superior da missão dos jesuítas no estado do Maranhão e Grão-Pará. Ancorado o barco, libertada a carga, “entraram as câmaras e as febres, que mataram muita gente”, dos mais pobres aos mais influentes.

“Ia morrendo tanta gente dessas moléstias, e, entrando as bexigas, depois deles partidos, morreu gente sem comparação muito mais. Começou o mal pelas bexigas brancas de várias castas, e logo seguiram-se as pretas, a que chamam pele-de-lixia, as bexigas saram-padas e outras dessa casta, muito pestíferas, as quais fizeram tanto estrago nos índios, assim forros como escravos, e mais nos tapanhunos [nome dado aos africanos no Brasil na altura], que é uma dor do coração somente referi-lo; caíram e foram morrendo tantos, que às vezes não havia quem acudisse aos vivos e enterrasse os mortos”, descreveu o missionário.

Os portugueses e os índios

São Vicente, em 1532, a primeira vila da América portuguesa, fundada por Martim Afonso de Sousa conforme ordens do rei de Portugal, dom João III, numa ilha descoberta na expedição de Gaspar de Lemos, em 1502, que a baptizou em homenagem a São Vicente Mártir

Varíola, peste bubónica, varicela, cólera, gripe, difteria, constipação, malária, rubéola, escarlatina, febre tifóide, tifo, tuberculose, tosse convulsa, doenças sexualmente transmissíveis, a lista de doenças que vinham nas caravelas com os europeus dizimou o novo mundo. Aquilo que a carnificina guerreira dos conquistadores não matou foi completado pelas enfermidades.

“Fosse o teatro do desastre o Ocidente do Canadá ou o Sul do Chile, a intrusão europeia desencadeou entre os povos nativos americanos um colapso abrupto e sem precedentes ao expor o seu sistema imunitário a doenças desconhecidas até então”, escreveu W. George Lovell, da Queen’s University, em Kingston, Ontário.

Amazónia epidémica

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, o estado do Maranhão e Pará, que equivale mais ou menos à actual Amazónia brasileira, foi assolado por vários surtos epidémicos, sendo os das décadas de 1660, 1690, 1720 e 1740 os mais graves. “Fortemente dependente do trabalho indígena (livre e escravo), a Amazónia colonial teve as epidemias como elemento de perturbação ao desenvolvimento das atividades económicas e de influência nas formas de organização do trabalho compulsório”, segundo Rafael Chambouleyron, Benedito Costa Barbosa, Fernanda Aires Bombardi, Cláudia Rocha de Sousa no seu *Formidável Contágio: epidemias, trabalho e recrutamento na Amazônia colonial (1660-1750)*.

“Quem trouxe ao Maranhão a praga dos holandeses, a praga das bexigas, a fome e a esterilidade?”, perguntava o padre António Vieira no *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, pregando contra a escravização dos indígenas: “Sabeis quem traz as pragas às terras? Catifeiros injustos.”

“O mal é um só, que será haverem alguns particulares de perder alguns índios, que eu vos prometo, que sejam mui poucos. Mas aos que nisto repararem, pergunto: morreram-vos já alguns índios? Fugiram-vos já alguns índios? Muitos”, continuava o jesuíta português. “Se vieram as bexigas, e vo-las levaram todos, que haviéis de fazer? Haviéis de ter paciência. Pois, não é melhor perdê-los por serviço de Deus, que perdê-los por castigo de Deus? Isto não tem resposta.”

O mesmo navio que introduzira a doença no Maranhão passou a mesma para o Pará. Na ilha de Marajó, a primeira atingida, quase todos os índios sucumbiram. “O mesmo sucedeu aos tupinambases e aos maraguases, havendo dias de adoecerem vinte, trinta, quarenta pessoas”, escreve Bettendorf.

“A cidade e Belém transformaram-se em um hospital de bexigosos, sem exceptuar os conventos; os padres andavam pelas ruas perguntando se havia alguém que necessitasse de confissão, isto muitas vezes, por não se achar nas casas quem fosse chamar confessor e, por falta de quem sangrasse os que careciam de sangrias, prestavam também este serviço; acompanhavam os cadáveres, sem horror, ficando-lhes a pele putrefata entre as mãos. Em Cameté e em todos os demais pontos da capitania a força do mal foi irresistível.”

Parque do Xingu

Os povos xinguanos conhecem a tragédia de perto. Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvo- ➔

tu, Trumai, Wauja e Yawalapiti e os outros que hoje vivem na reserva do Parque do Xingu, no Norte do Mato Grosso – criada em 1961 para que pudessem manter a sua forma de vida foi a primeira do género homologada no Brasil – estão ligados na tragédia.

Os actuais 7500 xinguanos são descendentes directos dos que sobreviveram ao chamado “cataclismo biológico” que os atingiu no século XVIII. Varíola, sarampo e gripe reduziram a população xingua em quase 90%, daí que esta pandemia de covid-19 traga recordações amargas e liberte medos antigos. Até porque, hoje como ontem, estão entre os mais vulneráveis. E, por isso, foram dos primeiros a cortar os caminhos para as suas aldeias.

“A perspectiva de a covid-19 entrar em comunidades indígenas pode representar um cenário devastador. Uma alta percentagem da população indígena pode ser impactada devido à alta transmissibilidade da doença, vulnerabilidade social de populações isoladas e limitações relacionadas com a assistência médica e logística de transporte de enfermos”, lê-se no estudo sobre a vulnerabilidade dos índios brasileiros da Universidade Federal de Minas Gerais.

“Temos esse passado em que as epidemias dizimaram povos indígenas, que até hoje não se recuperaram. As comunidades não querem mais passar por isso”, disse à *Folha de S. Paulo*, no princípio deste mês, Ianukula Kaiabi Suia, presidente da Associação Terra Indígena do Xingu.

Inimigo silencioso

A conquista da América, a norte e a sul, foi violenta, criminosa; matavam-se indígenas em guerras, escaramuças, massacres (Bartolomé de Las Casas definiu-a como “invasões violentas de cruéis tiranos”). As doenças foram um acréscimo silencioso ao rasto de mortandade deixado pelos europeus na sua ocupação. Agustín Muñoz Sanz, especialista espanhol em patologias infecciosas, chamou-lhe “desastre demográfico”, numa entrevista em 2012 à agência SINC, especialista em noticiário científico.

“Em menos de um século desapareceram do mapa várias dezenas de milhões de habitantes indígenas. Por exemplo, 90% da população caribenha e aruaque [grupos indígenas presentes nas Antilhas, Bolívia, Brasil, Colômbia, Guiana, Paraguai, Peru e Venezuela] morreu nos 20 anos a seguir à chegada de Cristóvão Colombo e dos seus homens”, explicava o médico.

Esse inimigo silencioso, garante o especialista, teve um peso grande na dizimação dos povos indígenas do continente americano. “É materialmente impossível que as armas tivessem matado mais do que as doenças e outros factores associados. Pensar que mais de cem homens e uns quantos cavalos dirigidos por Hernán Cortés varreram um império enorme, muito bem organizado e de alto nível civilizacional, como o asteca de Moctezuma [México], é desconhecer a realidade da história.” O mesmo se passou com Francisco Pizarro e o império inca de Huayna Cápac, no Peru.

“A varíola e o sarampo foram aliados perfeitos – involuntários, não intencionais – no êxito da conquista espanhola”, sintetizou Agustín Muñoz Sanz.

Os marinheiros passavam meses seguidos no mar, mal alimentados, confinados em espaços sem higiene – as doenças eram comuns. O próprio Colombo teve gripe ao de-

sembarcar na ilha de La Isabela (República Dominicana), onde se construiu a primeira cidade do novo mundo em 1494. Em Setembro desse ano, quando navegava pelo canal de Mona a caminho de Santo Domingo (capital dominicana), voltou a ficar doente, desta vez com tifo, só se recuperando cinco meses depois.

A primeira epidemia nessa ilha de Hispaniola (hoje dividida entre Haiti e República Dominicana) aconteceu em 1518, foi de varíola, e segundo frei Bartolomé de Las Casas, apenas um milhar de índios sobreviveu. Daí passou para o México, em 1520, embarcada com os homens que foram ajudar Cortés: 900 soldados com armas e cavalos. E um homem doente.

Francisco de Eguía foi o melhor aliado de Cortés na sua guerra. Quando desembarcou em Cempoala, em Veracruz, estava doente com varíola e foi levado para a casa de uma família local. Em pouco tempo, todos os membros da família estavam infectados, dez dias depois, muita gente morria e quem deixou a cidade com medo da doença espalhou-a pelo vice-reino da Nova Espanha, denominação da colónia que se estendia da Costa Rica à Califórnia.

De acordo com os historiadores, muitos dos dois a 3,5 milhões de astecas que morreram a combater Cortés adoeceram com varíola, há quem defenda que terá sido ela a mudar o curso da guerra. Nomeadamente na conquista da cidade de Tenochtitlán, onde até o *tlatoani* (governante) Cuitláhuac, filho de Moctezuma II, sucumbiu à doença.

“Quando um patógeno estranho chega a um grupo isolado, inclusivamente quando há apenas uma pessoa infectada, esta receberá os cuidados dos seus amigos e familiares, que também serão contagiados e a infecção se transmitirá muito rapidamente a toda a tribo. Não passa muito tempo até todos os membros ficarem contagiados”, afirma Stafford Lightman, professor de Medicina da Universidade de Bristol, que passou algum tempo no Parque do Xingu, numa entrevista ao *site* da ONG Survival.

Sem imunidade face a doenças desconhecidas, os povos indígenas foram desaparecendo a uma velocidade vertiginosa, a ponto de Bartolomé de las Casas escrever, na sua *Brevíssima Relação da Destruição das Índias*: “São assim mesmo, as gentes mais delicadas, magras e fracas de complexão e que menos podem sofrer trabalhos, e que mais facilmente morrem de qualquer doença; que nem filhos de príncipes e senhores entre nós, criados em regalos e delicada vida, não são mais delicados que eles, mesmo os que entre eles são de linhagem de lavradores.”

Em 1686, quando a Bahia era assolada por uma epidemia de febre-amarela, chegada de São Tomé, grande entreposto do tráfico negreiro, o padre António Vieira, traçando um paralelismo entre o Brasil de então e o Egito das pragas, dizia: “Oh, como temo que o Oceano seja para vós Mar Vermelho, as vossas casas como a de Faraó, e todo o Brasil como o Egito! Ao último castigo dos egípcios precederam as pragas, e as pragas já as vemos tão repetidas umas sobre as outras, e algumas tão novas e desusadas, quais nunca se viram na clemência deste clima.”

“Quem assistiu ao desembarque de Colombo, se é que algum nativo o fez”, referiu W. George Lovell, “testemunhou o princípio de uma conquista que haveria de causar a maior destruição de vidas na história.”

antonio.rodriques@publico.pt



“Estávamos na aldeia e começou a morrer todo o mundo”

Uma estrada, uma decisão política, madeireiros ilegais, o “garimpo”, evangelizações, a sobrevivência dos povos indígenas mantém-se hoje tão difícil como noutros séculos. O avanço da dita civilização continua a levar violência, doenças e morte à Amazónia.

Por António Rodrigues

VITOR MORIYAMA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL



VITOR MORIYAMA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL



Muitos indígenas da América morreram durante o século XX e ainda hoje sucumbem à epidemia colonizadora, sem capacidade no corpo para resistir aos vírus trazidos pelo denominado progresso. Além da sanha de madeiros, “garimpeiros”, criadores de gado, latifundiários, de traficantes de droga e exércitos de libertação, que vão matando os índios ao ritmo do desejo de exploração das suas terras, a população indígena vai sendo dizimada pelas doenças trazidas de fora.

Os nahuas do Peru quase desapareceram quando nos anos 80 começou a busca de petróleo nas suas terras. Da tribo restam hoje 380 pessoas concentradas em redor da povoação de Santa Rosa de Serjalá, na Reserva Territorial Kuçapori, Nahua, Nantis e Outros, na Amazônia peruana. Desde Setembro, são as cobiças de um estudo pioneiro que pretende descobrir a razão pela qual 82% dos seus membros apresentam níveis demasiado elevados de mercúrio no sangue. O Governo do Peru, com ajuda do Instituto de Investimento para o Desenvolvimento de França, quer confirmar se é resultado directo dos despejos da mineração ilegal nos rios e afluentes ou da degradação do solo causado pela mineração em geral.

O ministro da Cultura peruano, Luis Jaime Castillo, dizia, na apresentação, que o estudo significava “para os povos nahuas que restam, a diferença entre a vida e a morte”: “Ou se descobre uma solução ou estamos a condenar este povo a desaparecer, como se passou com tantos outros no passado”.

Este desaparecimento está a acontecer em tempo real, não é só coisa dos livros de história. No *site* da ONG Survival International, que defende povos indígenas, uma fotografia revolve as entranhas e desata a indignação: cinco índios sentados numa pequena estrutura de madeira. Aqueles dois homens e três mulheres são o povo akuntsu. Todo o povo akuntsu de Rondônia, na Amazônia brasileira.

Os criadores de gado invadiram-lhes as terras, espalharam doenças, mas, sobretudo, tiros. Massacraram o povo e queimaram as casas para evitar as provas do seu genocídio. Um dos homens, Pupak, ainda trazia uma bala nas costas quando contou por gestos aos homens da Funai (Fundação Nacional do Índio) como pistoleiros a cavalo o balearam.

Sabe-se pouco dos akuntsus, a sua existência só ficou conhecida em 1995, quando já estavam a caminho da extinção e, como ninguém conhece o seu idioma, a sua existência e morte perde-se nos detalhes.

A pressão de vários interesses pelas terras indígenas nunca deixou de existir e, à medida que os recursos se vão esgotando noutros lados, esses interesses avançam para as apetecidas reservas, preservadas pelo poder público. Mas sem apoio político, legislação dura, fiscalização rigorosa, os índios ficam entregues à sua sorte, que é a pior de todas as madrastras.

Os panarás quase sucumbiram à chegada de uma estrada que atravessou o seu território. Entre 1973 e 1975, as mortes por gripe e diarreia reduziram o povo a 79 indivíduos e, não fossem os sertanistas Orlando e Cláudio Villas-Bôas a transladá-los para o Parque Xingu, a reserva indígena que tinham levado o Governo a criar no Norte de Mato Grosso em 1961, teriam passado à história.

“Nós estávamos na aldeia e começou a morrer todo o mundo. Os outros foram embora pelo mato, e aí morreram mais”, conta o chefe Akè Panará. “Nós estávamos doentes e fracos e, então, não conseguimos enterrar os mortos. Ficaram apodrecendo no chão. Os urubus comeram tudo”, diz, citado no *site* dos Povos Indígenas no Brasil.

Os que chegaram ao Xingu estavam uma lástima de fracos. Famintos, com malária, anémicos e infestados de parasitas, dez deles acabariam por morrer nos meses seguintes.

Mas os panarás sobreviveram e conseguiram, quase 20 anos depois, regressar à zona do vale de Peixoto de Azevedo, de onde tinham sido expulsos. Reclamaram para si uma área muito mais pequena a que tinham direito nas cabe-

Índios ameaçados

Ao lado, índio em Manaus durante a pandemia de covid-19. Muitas tribos já se isolaram nas suas terras, mas já há casos de contágios e mortes. Em cima, protesto dos yanomami e ye’kuana contra os exploradores ilegais de ouro nos seus territórios

ceiras dos rios Ipiranga e Iriri, nos estados do Pará e de Mato Grosso, e a 1 de Novembro de 1996 o Estado deu-lhes a posse permanente de 494.017 hectares da que passou a chamar-se Terra Indígena Panará.

Nessa altura já corria em tribunal um processo contra o Estado brasileiro desde 1994 que culminaria, em Agosto de 2003, com a decisão inédita da Justiça favorável aos panarás, condenando o Estado brasileiro a indemnizá-los em 1,2 milhões de reais (320 mil euros no câmbio de então).

Missionários evangélicos

Outro dos povos indígenas brasileiro que recuperaram de um encontro imediato com a civilização branca foram os zo’és. Um encontro tão abrupto que, não fosse a intervenção do Governo brasileiro, não existiria ninguém para dizer “nós mesmos” – o pronome que, na sua língua tupi-guarani, servia apenas para os diferenciar dos kirahis, os não-indígenas, e acabou por se transformar em etnónimo.

Conhecidos apenas desde os anos 1980, os zo’és sofreram o excesso fundamentalista de evangélicos norte-americanos da Missão Novas Tribos que iniciaram o seu trabalho na região em 1982. Descritos como puros e frágeis, os então denominados Índios do Cuminapanema, rio no Norte do Pará, eram apelidados como um dos últimos grupos indígenas intactos e, como tal, ainda não-evangelizados.

Em 1987, os missionários criaram a sua Base Esperança e enquanto a Funai não assumiu o comando em 1991, foram os únicos a controlar o processo de assentamento dos zo’és. Entre

os cinco anos que passaram a entrar e sair de aldeias e os quatro da Base Esperança, os “sopros” de doenças foram varrendo os indígenas. Grippes, pneumonias e outras doenças respiratórias agudas mataram 45 membros do pequeno povo, acabaram com a sua auto-suficiência e tornaram os zo’és dependentes dos missionários, cuja ajuda obrigava à contrapartida de evangelização. Com o trabalho da Funai, na altura da delimitação da terra indígena, em 1998, os zo’és já eram 172 e no ano passado a população atingiu 315 indivíduos.

O mogno dos murunahuas

Os índios vivem há séculos em harmonia com a natureza, retiram dela somente o essencial para sobreviverem, porque sabem que sem a floresta, sem os recursos que esta lhes dá, perderiam. E essa sua capacidade ancestral de preservar o ecossistema é, paradoxalmente, aquilo que atrai a exploração. Sejam os criadores de gado, os plantadores de soja, os “garimpeiros” ou os madeiros ilegais.

“Somos contra a mineração porque queremos defender as nossas terras e floresta. Para nós, a terra é uma pessoa”, escreveram o ano passado os wajãpis, numa carta dirigida ao Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. O povo vive na região delimitada pelos rios Oiapoque, Jari e Araguari, no estado do Amapá, junto à Guiana Francesa.

Os wajãpis estiveram à beira da extinção há quase 50 anos, quando tiveram o primeiro contacto com o homem branco e as suas doenças, mas desde os anos 80 assumiram a luta pela preservação do seu modo de vida.

Os murunahuas, que vivem entre o Brasil e o Peru, são mais frágeis para defender a sua apetecível floresta de mogno, cobiçada pelos comerciantes de madeira. As espécies do género *Swietenia*, seja a *Mahogany* (Caraiabas), raiz do nome, seja a *Macrophylla* (brasileira), são protegidas, mas isso não é empecilho para os madeiros ilegais.

Desconhecidos até 1995, quando foram avisados por madeiros, os murunahuas perderam metade da tribo por doenças depois desse contacto. E o Governo peruano chegou a ter planos secretos, em 2011, para explorar a área, situada junto à fronteira com o Brasil, alegando que não havia ali indígenas.

A denúncia pública dos planos levou o executivo a recuar, garantindo que passaria a trabalhar com o seu homólogo brasileiro (que tem a reserva delimitada para os murunahuas) para preservar a terra indígena, o que veio a acontecer com a criação, em 2016, das primeiras três reservas peruanas, uma delas para os murunahuas, chitonahuas e amahuacas.

No ano passado, as terras foram registadas como propriedade indígena e, pela primeira vez na história do Peru, uma organização indígena, a Associação de Conservação de Yurúa, passou a gerir mais de 46 mil hectares na região de Ucayali junto à fronteira com o Brasil. Boas notícias para os indígenas, que sabem, no entanto, a fragilidade das suas conquistas e a volatilidade da política, como demonstra a eleição de Bolsonaro, notoriamente contrário aos direitos dos indígenas e que poderá incentivar os seus vizinhos às mesmas práticas.

Desde 2012 que se estuda no Peru a possibilidade de criar uma estrada que ligue Puerto Esperanza, junto ao estado brasileiro do Acre, a Iñapari, na tripla fronteira Peru-Brasil-Bolívia, passando pela “fronteira amazónica dos não-contactados”, isto é, os povos que permanecem sem ligações ao homem branco. Até agora o projecto da denominada “estrada da morte” nunca foi viabilizado.

“A crise económica é uma consequência do desinvestimento na saúde”

Entrevista Mark Honigsbaum O especialista em História da Medicina passou os últimos anos a estudar as principais epidemias e a sua consequência nas sociedades. Do ébola ao zika, revisitando o SARS, o investigador responsabiliza “a busca pelo lucro” e a “destruição dos habitats naturais” pela pandemia da covid-19

Por Ivo Neto

The Pandemic Century foi publicado ainda na primeira metade de 2019. Foi como um presságio daquilo que estava para acontecer meses depois. Mark Honigsbaum é professor e historiador de Medicina na City, University of London. Quando grande parte do mundo se prepara para o desconfinamento, o especialista recorda os sinais deixados por outros vírus, como o ébola ou a SARS, e que, com mais atenção, poderiam ter evitado a maior pandemia deste século. O desinvestimento na área da saúde, a vertigem da destruição de habitats naturais e a economia assente em lucros desmedidos serão, de acordo com o investigador, os grandes responsáveis pela crise que teremos que enfrentar nos próximos meses. Ao P2, o também jornalista deixa o alerta para a importância de uma colaboração internacional no que toca ao desenvolvimento de uma vacina e a consequente distribuição mundial. “Será um desastre se, por exemplo, algum país oferecer dinheiro a uma empresa farmacêutica de forma a garantir a exclusividade da vacina para o seu país”, diz. **A primeira pergunta tinha que ser esta: quando começou a escrever o último livro, *The Pandemic Century*, imaginava que seria**



possível estarmos a viver tudo isto?

Não fazia ideia, não. O principal ponto deste trabalho é demonstrar que o caminho estava aberto para uma nova pandemia. Uma nova epidemia como o ébola ou o zika. Ou, eventualmente, como a SARS, tal como em 2003. Também estudei as probabilidades de uma nova crise relacionada com o *influenza*. Mas isso não é novo. É natural que venha a acontecer.

Mas nada como o novo coronavírus...

Eu acho que nunca ninguém pensou que a próxima pandemia seria motivada por um coronavírus com esta dimensão.

Houve falta de atenção?

Se olharmos para o que aconteceu com a SARS, encontramos vários padrões que são semelhantes. Por sorte, e porque a

reação foi muito mais rápida do que aconteceu agora, a SARS não se tornou uma pandemia. Mas os sinais estavam lá. Vários relatórios médicos apontaram para a necessidade de se investir em vacinas ou medicamentos para a SARS, a MERS... **E não houve esse investimento...**

Não investimos o suficiente em prevenção. A Coligação para a Inovação na Preparação contra Epidemias (CEPI) tinha o coronavírus na lista das necessidades de investigação. Apelou a que juntassem alguns milhões para a investigação e prevenção.

Agora serão necessários muitos mais para a produção de uma vacina e para a distribuição em grande escala.

Uma realidade transversal aos próprios serviços de saúde.

Houve um desinvestimento grande nos cuidados de saúde, na preparação de médicos e de enfermeiros. Foi uma escolha feita depois da crise financeira de 2008, em que se optou por medidas violentas de austeridade. E em países com sistemas de saúde públicos, o apoio passou para o mínimo. Agora, a crise económica que vamos enfrentar é uma consequência do desinvestimento na saúde.

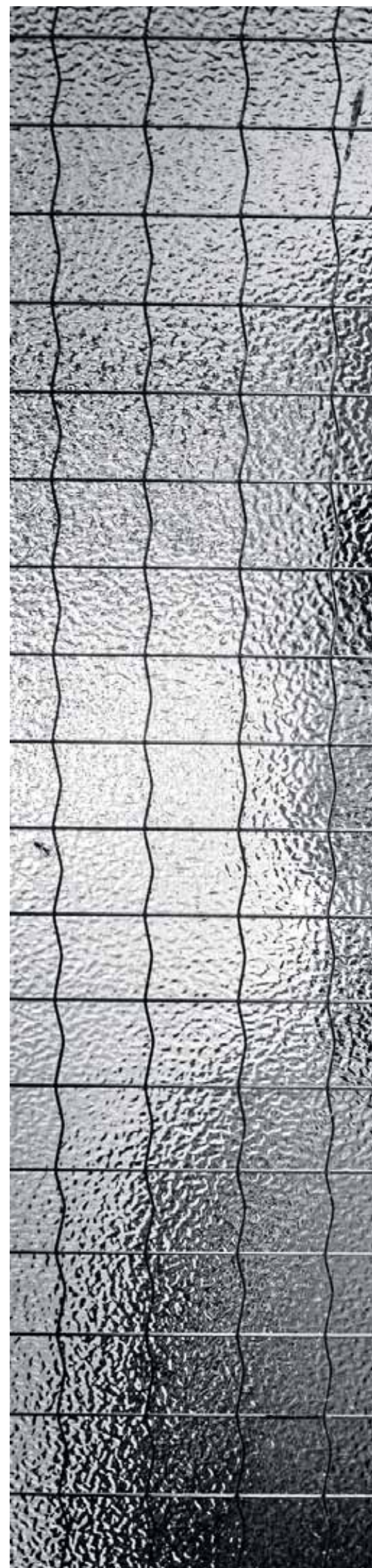
São consequências políticas?

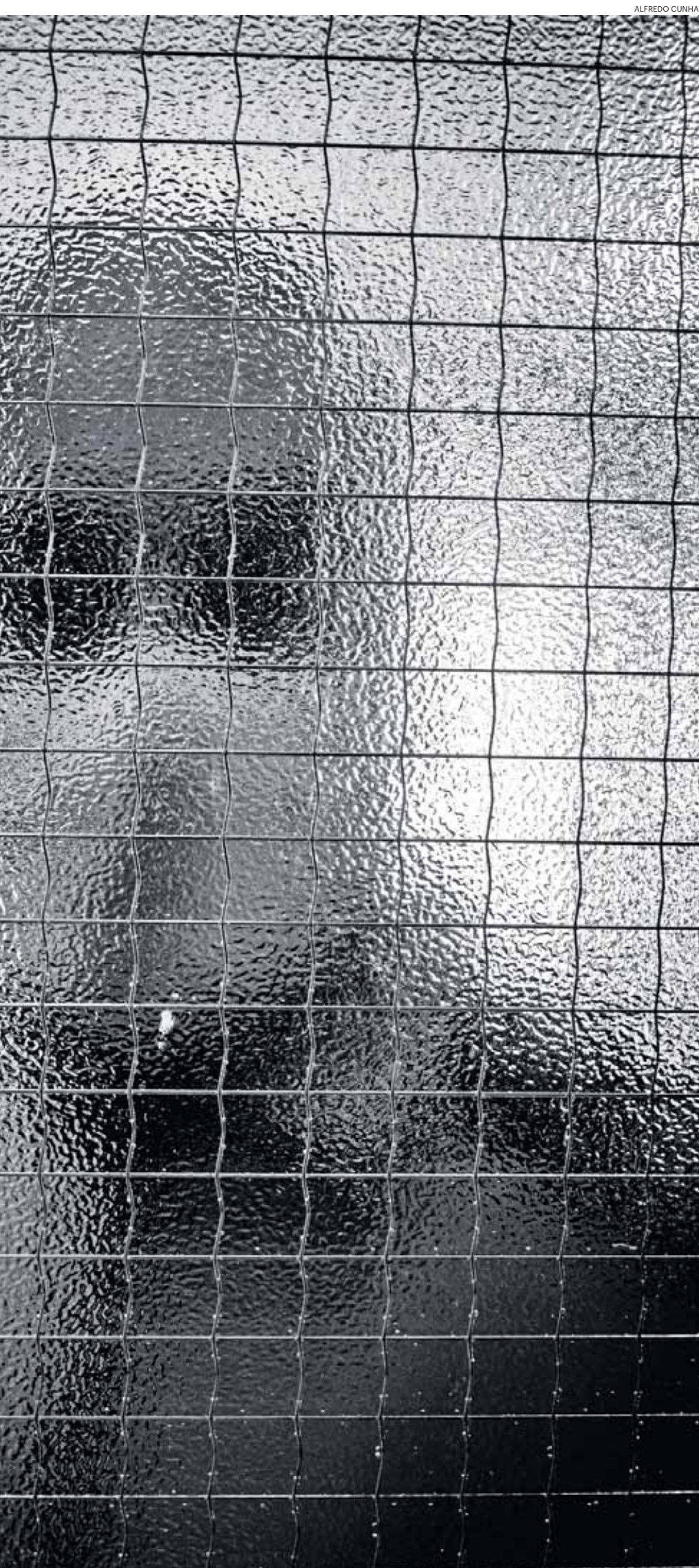
Sim, os programas políticos são cada vez mais pensados a curto prazo. Devemos voltar a pensar em programas a longo prazo, principalmente no que diz respeito aos serviços públicos. Isso aplica-se ao sistema de saúde e à investigação em vacinas. Principalmente em áreas em que os privados não demonstram tanto interesse, porque não conseguem grandes margens de lucro. Os países estão a endividar-se para relançar a economia. Imprimem dívida e entregam tudo às grandes empresas. Mas por que não o fazem directamente às pessoas, por exemplo? As pessoas acabariam por investir e relançar a economia.

Um dos temas que aborda com regularidade é o da questão ambiental.

De que forma é que a nossa relação com o ambiente ajuda à propagação de vírus, nomeadamente o coronavírus?

O nosso ambiente arquitectónico é um dos factores que ajudam a compreender como é que este tipo de vírus se propaga. As





idades e a sobrepopulação são exemplos claros. Os prédios muito altos aumentam as possibilidades de contacto social. As pessoas têm que usar os botões dos elevadores. Foi assim que a SARS se desenvolveu. Um médico que estava num hotel em Hong Kong, o Metropole, infectou várias pessoas nesse hotel. Muito provavelmente, quando partilhavam o elevador...

O conforto tem um custo. É isso?

A climatização dos apartamentos e hotéis deixa-nos confortáveis, mas a água que está parada nos tanques em cima dos edifícios, e que é usada nos sistemas de refrigeração, potencia a formação de aerossóis, e dessa forma a dispersão dos agentes patogénicos. Nos hospitais, quando alguém está muito doente, e se usam ventiladores para nebulizar os pacientes e os ajudar a respirar, também se aumenta o potencial da propagação de qualquer vírus em ambiente hospitalar.

E temos uma economia assente em cadeias de produção amplas e globais...

A forma como organizamos a sociedade é a causa do coronavírus. A busca pelo lucro e pela produção sem fim leva a um aumento do número de pessoas a viver em áreas urbanas e a um maior consumo de proteína animal. Isto tem como consequência a destruição dos habitats naturais, que são substituídos por outras culturas. Temos que repensar isso tudo. Por exemplo, a questão dos quatro dias de trabalho, em vez dos cinco. Acredito que será um dos temas que vamos discutir com maior frequência.

E muito se tem questionado a China por negligenciar a higiene nos “wet markets”. O mesmo país que tem enviado médicos e apoio para todo o mundo. Isto poderá ter influência no papel que a China desempenha como grande potência mundial?

É difícil concluir isso. Mas o que podemos dizer é que vai e que está a acontecer uma mudança política. Anteriormente, o mundo olhava para os EUA como um líder.

Isso mudou com Trump?

Sim, bastante. Barack Obama foi importante para juntar todos os países com a Organização Mundial de Saúde para discutirem a estratégia de combate à emergência em África, aquando do surto do ébola, em 2014. Os EUA foram determinantes com o envio de apoio para os países mais afectados. Fizeram aquilo que a China está a fazer agora. Construíram hospitais em semanas. Tal como a China fez agora, no seu próprio território. Cimentaram o papel de líderes.

A China pode mesmo sair à frente?

Há uma certeza que podemos ter: eles actuaram rápido e com força. Por outro lado, não sabemos ao certo, devido às fragilidades na transparência, qual o impacto que a covid-19 teve realmente no país. Há suspeitas sobre os números verdadeiros.

Esta ajuda que está a ser dada pode ser uma forma de mascarar as suspeitas?

Não quero especular sobre isso. Gostaria de acreditar que as motivações são principalmente humanitárias.

Enquanto se debate a transparência da China, vimos vários casos de países que retiveram material de apoio que tinham como destino outros países. Quase como uma nova forma de pirataria...

Isso é consequência do colapso das instituições que deveriam responder de forma coordenada a emergências de saúde.

Os países estão cada um por si. É a concretização do plano de Donald Trump: “*make America great again*”. Não há qualquer preocupação sobre o bem-estar do país ao lado.

Essa tensão pode escalar ainda mais com a corrida pela vacina...

É importante que os cientistas não entrem em competição, que partilhem informação. O mais rápido possível.

Mas a pressa não pode colocar em causa a eficácia das investigações?

Há sempre excepções, mas existem. Há investigadores que apontam resultados que depois nem sempre se comprovam. Temos o exemplo da hidroxicloroquina. Com imensos avanços e recuos. E isso não é bom para ninguém.

Quais são os grandes riscos destas precipitações?

A primeira, e a mais óbvia, é que são gastos recursos - humanos, financeiros, tecnológicos - que deveriam estar a ser usados noutras pesquisas. Mas o mais perigoso é que já há muita gente que não confia nas vacinas, nem na ciência biomédica. E qualquer passo em falso vai dar mais força a esses movimentos.

Precisamos que os cientistas cooperem. Quando aparecer uma vacina que seja verdadeiramente eficaz, vamos ainda enfrentar um desafio maior: produzir em grande escala, garantindo que esteja disponível para a maioria da população. **Será determinante a tal cooperação internacional.**

Será um desastre se, por exemplo, algum país oferecer dinheiro a uma empresa farmacêutica, de forma a garantir a exclusividade da vacina para o seu país.

E Donald Trump já o tentou fazer...

Sim, há o exemplo do laboratório alemão. **Tem-se focado bastante no papel dos grupos antivacina e no risco que representam. Com todo o mundo atrás da vacina, como se poderá equacionar os grupos antivacinas?**

Há dois tipos de grupo: os que se alimentaram e alimentam das redes de teorias de conspiração -infelizmente, com esses, pouco se pode fazer, não os conseguimos alcançar -; depois, há o outro grupo, que tem perguntas legítimas e que quer respostas. Não acredita, automaticamente na ciência, mas está aberto ao debate.

Pode chegar-se a esses?

Sim, há esperança para essas pessoas. Temos que comunicar melhor com eles. É importante educar sobre o papel da medicina e da ciência. Não só para eles, mas para o geral da população.

A iliteracia é difícil de combater. Apesar de todos os avisos, continuam a ser perpetuados comportamentos de risco.

Praias cheias, protestos anticonfinamento...

Vai ser crítico. Muitas pessoas continuam a achar que não estão em risco. Que apenas os mais velhos podem ser atingidos. E esta tentativa de criar uma imunidade de grupo, uma estratégia usada por alguns países, apenas dá mais armas aos grupos antivacinas.

E pode ser um risco maior quando muitos países não têm infra-estruturas de saúde preparadas para isso...

Sim. A única forma de resolvermos isto é com uma vacina.

O Instituto de Ciências Sociais (ICS) é uma escola da Universidade de Lisboa e um Laboratório Associado do Sistema Científico Nacional dedicado à investigação, aos estudos pós-graduados e à divulgação de ciência nas áreas de Antropologia, Ciência Política, Economia, Geografia, História, Psicologia Social e Sociologia (www.ics.ulisboa.pt). Durante um ano, todos os domingos, investigadoras e investigadores com diferentes formações, idades e percursos académicos partilham o seu trabalho com os leitores do P2

“É a economia, estúpido?”

A Europa, a economia e o voto

Ciências Sociais em Público (VI) Análise Vários estudos têm demonstrado a crescente volatilidade dos eleitores no período da crise/pós-crise. A economia tende a ser um factor decisivo nessa alternância. Certo é que nos países da zona euro as decisões mais relevantes para o quotidiano são tomadas pelas instituições europeias, que não podem ser responsabilizadas pelo poder do voto

Por **Marina Costa Lobo e Roberto Pannico**

No dia das eleições legislativas, quando coloca o seu voto na urna, sabe que razões levaram a essa escolha? Alguns (muitos) votantes não marcam presença no acto eleitoral. Dos que comparecem à chamada há os que são fiéis aos seus partidos, independentemente do contexto político, económico ou social. Mas se todos fossem fiéis não haveria mudança política, ganhariam sempre os mesmos, eleição após eleição. Ora, não é esse o caso. Pelo contrário, os partidos enfrentam cada vez maior incerteza nas urnas, e o número de eleitores que muda o seu sentido de voto aumenta. Vários estudos têm demonstrado a crescente volatilidade dos eleitores no período da crise/pós-crise. Como resumiu um assessor de Bill Clinton na campanha de 1992: “É a economia, estúpido!”, sobre o factor mais importante para o desfecho eleitoral. Agora, a União Europeia pode estar a diminuir esse impacto da economia no voto, com consequências importantes para a qualidade da democracia.

O desempenho económico – o desemprego, o crescimento (sustentável), o custo de vida, a convergência com outros países – importa porque é uma súmula dos

avanços na qualidade de vida média do país. As eleições são por isso uma oportunidade para o eleitorado acertar contas com o Governo, avaliando a capacidade de gestão da economia por parte do executivo. O grande significado das eleições legislativas seria o de poder castigar os governos que tivessem falhado nessa *performance*, ou por outro lado premiar quem tivesse conseguido cumprir objectivos, ou até ir para além deles. Um momento fundamental de responsabilização dos políticos por parte do eleitorado. Essa capacidade de os eleitores conseguirem responsabilizar os governantes pelo passado é fundamental para dar sentido ao voto e garantir a legitimidade ao sistema político.

Para que as eleições tenham este significado, é preciso que os eleitores sejam de facto capazes de responsabilizar o Governo pelo passado recente do ponto de vista do desempenho económico. As questões que temos vindo a colocar na nossa pesquisa são estas: será que o facto de a política monetária – e até a política fiscal – dos países da zona euro ser cada vez mais influenciada pelas instituições europeias, desde que se criou a moeda única em 2002, afecta as avaliações que os cidadãos fazem sobre o desempenho do Governo? Como é que podem funcionar os

processos de responsabilização nos actos eleitorais nacionais à medida que se torna claro que a margem de manobra dos governos do ponto de vista económico diminui? De que forma reagem os votantes dos países mais afectados pela crise da zona euro ao perceber que o Governo está condicionado pelos critérios do Pacto de Estabilidade e Crescimento, que obrigam a uma política de austeridade?

O momento em que estamos a fazer esta investigação é importante. O euro comemorou 20 anos em 2019, o que significa que os cidadãos vivem com esta nova realidade há algum tempo. Mas é claro que é sempre preciso um tempo de aprendizagem para que a nova realidade seja interiorizada, e isso depende da forma como os partidos e os *media* discutem o tema. Para os mais distraídos, a crise da zona euro, que começou em 2009 e se prolongou até 2014 sensivelmente, pode ter ajudado a tornar claro para onde pende o poder da política económica nos países da zona euro.

Contudo, se já passaram dez anos desde a crise da zona euro, onde todas estas questões foram debatidas amplamente nos *media*, será que os cidadãos ainda recordam que a política económica dos Estados-membros está fortemente condicionada por decisões tomadas nas

instituições europeias? Partimos desse pressuposto, visto que, desde 2009, as medidas que foram sendo tomadas para reformar a governança da zona euro foram no sentido de aumentar os poderes das instituições europeias, tal como a Comissão Europeia, o BCE, e o Eurogrupo, tanto através de mecanismos formais como informalmente. Pelo contrário, nenhuma medida visou dar mais margem de manobra aos governos. Assim, parece-nos que continua a ser uma questão muito pertinente.

Crises económicas europeias, eleições nacionais

Aliás, a forma como o Governo de António Costa (juntamente com outros países que mais sofreram com a anterior crise, como Espanha ou Itália) tem lidado com a presente crise de covid-19 atesta isso mesmo. Enquanto a resposta do ponto de vista sanitário tem sido gerida a nível nacional por cada país, do ponto de vista económico, todas as decisões dependem das instituições europeias. É assumido que, por estarmos no euro, o Governo tem pouquíssima margem de manobra para fazer frente à inevitável recessão económica, se quiser respeitar a médio prazo as regras do Pacto de Estabilidade e



ERIC GAILLARD/REUTERS



Crescimento a que obriga a pertença ao euro. Tudo o que puder ser feito a nível nacional depende de um consenso a nível europeu, e é essa luta que os governos dos países mais vulneráveis, como Portugal, Espanha e Itália, têm travado em sucessivos Conselhos Europeus, nos últimos tempos.

É claro que os governos da zona euro ainda conservam alguma margem de manobra fiscal e redistributiva. Há políticas que são nacionais, nomeadamente o orçamento e os impostos. Os governos continuam a definir quem fica com as fatias do bolo da despesa. Mas não deixa de haver constrangimentos europeus decisivos, a nível monetário e fiscal. Portanto, neste nebuloso novo sistema de governança, onde fica a responsabilidade pela economia que se pode atribuir ao Governo? E onde fica o significado verdadeiro que os cidadãos podem dar às eleições legislativas?

Economia e responsabilização política

Ora, é aqui que entra a pesquisa que temos vindo a desenvolver no âmbito do MAPLE. Ao longo dos últimos anos fomos desenvolvendo trabalho para testar em que medida quem os cidadãos responsabilizam pela situação da economia (Governo ou UE) tem impacto no peso que a economia tem

Qualidade da democracia

Enquanto a UE contribui para a redução da importância das eleições como forma de responsabilização dos governos no sul da Europa, isso parece não estar a ocorrer na Alemanha. “É a economia, estúpido!” — a célebre frase de um assessor de Clinton nas presidenciais dos EUA de 1992 sublinhava como a economia é o factor mais importante para o desfecho eleitoral. Agora, a UE pode estar a diminuir esse impacto da economia no voto, com consequências importantes para a qualidade da democracia

nas suas escolhas eleitorais. No artigo “*The integration hypothesis: How the European Union shapes economic voting*”, utilizando dados de inquéritos pós-eleitorais realizados em 2009 em Portugal, Espanha, Grécia e Itália, demonstrámos o seguinte: o peso das avaliações sobre a economia nacional na decisão de voto é menor entre os indivíduos que responsabilizam mais a UE pelo desempenho económico. Este artigo foi o pontapé de saída da linha de investigação inaugurada pelo projecto MAPLE, mas tinha a limitação de os dados terem sido recolhidos em 2009 quando a

crise da zona euro apenas despontava. Mais recentemente, em 2020, publicámos outro artigo que procurou testar o mesmo argumento, mas usando mais dados, sobre Portugal, Espanha e Irlanda, em concreto inquéritos pós-eleitorais recolhidos em cada eleição de 2002 a 2016 nestes países. A generalidade dos eleitorados irlandeses, espanhóis e portugueses castigou os partidos de Governo a partir de 2009 — logo, o voto económico continua a funcionar depois da crise, até porque esta foi muito dura e os eleitores não tinham outra forma de exprimir o seu desagrado pelo desempenho económico. Mas também ficou demonstrado que os votantes que lêem jornais que dão maior cobertura à UE são menos influenciados pelo desempenho económico na sua decisão de voto.

Consideramos este facto interessante. Sendo a UE, e ainda mais a União Económica e Monetária (UEM), um tema complexo, só os mais informados retiram ilações sobre as consequências desse aprofundamento da UEM para o significado das eleições. Mas tendo em conta a evolução da crescente transferência de poder económico para as instituições europeias, será provavelmente uma questão de tempo para que isso aconteça de forma mais generalizada.

A nossa investigação mais recente utiliza

dados recolhidos em Janeiro de 2019 em inquéritos que realizámos na Alemanha e na Grécia. Nas últimas duas décadas, enquanto a Alemanha se afirmou como a maior potência económica do euro, a Grécia teve de pedir quatro *bailouts* e enfrentar uma enorme austeridade para se manter na moeda única. Queríamos compreender se as hipóteses que testámos nos estudos anteriores também se confirmavam nos países onde não houve crise económica.

Tanto na Grécia como na Alemanha, 60% dos inquiridos concordam que a UE é muito responsável pela política económica. Portanto, apesar de trajetórias tão distintas, tanto os gregos como os alemães entendem que a UE é influente na política económica dos países. No caso da Grécia, confirmámos aquilo que já tínhamos visto anteriormente. Isto é, quem tem mais informação política incorpora o facto de a UE ser mais influente na política económica e tende a usar menos as percepções económicas no seu sentido de voto. Os que têm menos informação política continuam a usar as percepções económicas, mesmo quando consideram que a UE é muito responsável pela política económica.

Agora, curiosamente ou talvez não, na Alemanha passa-se exactamente o oposto. Isto é, vemos que os alemães que têm mais informação política, e reconhecem o facto de a UE ser mais influente na política económica, tendem a usar *mais* as percepções económicas para determinar o voto. Para os alemães com menos informação política, considerar que a UE é muito responsável pela política económica não altera a importância das percepções económicas no voto.

Isto sugere que o processo de integração europeia, e em particular a importância que a UE assumiu na política económica, não tem necessariamente o mesmo efeito em todos os Estados-membros.

Não conseguimos demonstrar que isso se ficava a dever ao facto de os gregos acharem que o seu país não tem influência na UE, ao contrário dos alemães. No entanto, cremos que o desequilíbrio de forças no momento de tomar decisões na UE poderá ter um impacto na forma como os cidadãos votam.

“A Europa será forjada nas crises”, disse Jean Monnet, um dos pais fundadores da União Europeia, “e será a soma das soluções adoptadas para responder às crises”. Esta pesquisa que temos levado a cabo tem muitas questões pertinentes para esta nova crise da covid-19 e lança pistas sobre a forma como a política económica europeia pode estar a ter não apenas um efeito assimétrico do ponto de vista económico mas também político entre os países-membros. Quem será responsabilizado pela nova crise económica que já se adivinha? Como é que os votantes podem exprimir o seu desagrado votando nas eleições legislativas se sentem que a política económica é europeia? Importa perceber como a UE influencia a forma como as pessoas vêem as suas escolhas políticas de modo a preservar um princípio fundamental da democracia: a responsabilização dos governantes.

Investigadores em Ciência Política do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, membros do Projecto ERC MAPLE, www.maple.ics.ulisboa.pt

Quarentena Crónica

"Semana oito".

texto de
Marco Neves Ferreira

desenho de
Nuno Saraiva

cores: Luna Ramos

@quarentenacronica

Naquele novo anúncio, a Mariza estava de quarentena há quantos anos?



Empresas que se dediquem à lavagem de dinheiro podem voltar ao activo, mas com novas regras... Terão de fazer a lavagem pelo menos 5 vezes por dia.



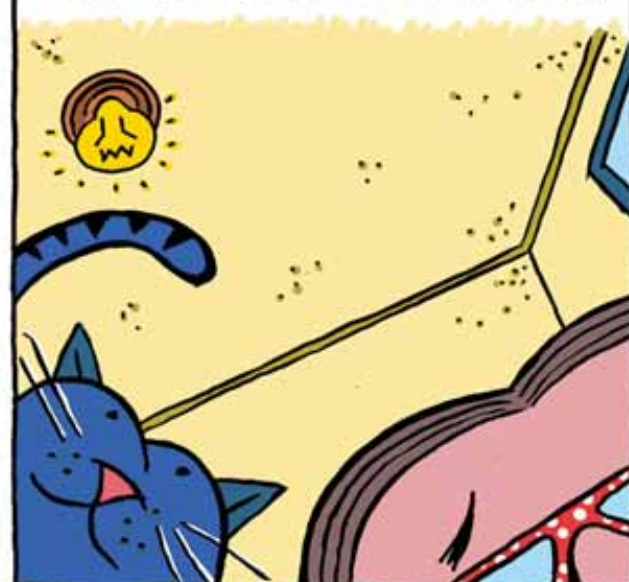
Emissão especial da telescola explica às crianças que hoje é o Dia do Layoff.



Já comprei uns vasos para a varanda... Vou começar por plantar atum e sardinhas em lata.



Hoje milhares vão ligar às mães por videochamada para desejar Feliz Dia da Mãe... À testa ou ao tecto.



De alguma forma todos nos adaptámos a esta situação... Eu deixei de fazer a barba e de usar roupa interior.



Se um elemento do casal apanhar o vírus, tem de ficar isolado do outro? Acho que vou experimentar.



DICA PARA A SEMANA
Reze. Mas por videochamada.



Vamos todos ficar bem!

N.S.

CRUZADAS10.973

HORIZONTAIS: **1.** Sétima arte (o drive-in está de regresso?). (...) Zinkernagel, cientista suíço que foi galardoado com o Prémio Nobel da Medicina em 1996, juntamente com Peter Doherty. **2.** Aqui está. Que não vacila. **3.** Líquido pestilencial que escorre de certas úlceras ou abcessos. Felicidade. **4.** Mililitro (abrev.). Em grau mais elevado. Antigo nome da nota musical dó. **5.** Prefixo que exprime a ideia de privação. Regra. **6.** Daniel (...) protagonista nos filmes narra agora o primeiro capítulo de Harry Potter e a Pedra Filosofal, o primeiro livro da saga. **7.** Agrupo. Pragana da espiga. **8.** Conjunto de porcos. Interjeição designativa de dor. Graceja. **9.** Símbolo de miliampere. Com amigos ou familiares, ainda devem ser evitados sempre que possível. **10.** Animais que pertencem a vários donos. Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de ovo. Idem (abrev.). **11.** Grande porção (popular). Vila e sede de concelho do distrito de Santarém.

VERTICAIS: **1.** Cidade onde se encontram os Jardins da Quinta das Lágrimas. Imensidade (fig.). **2.** Centilitro (abrev.). Joan (...), fotógrafo, foi à Lapónia espanhola e viu o futuro pós-apocalíptico do interior. **3.** Prefixo (novo). Protela. Pátria de Abraão. **4.** Malhadouro. Quantidade de gente baixa e grosseira. **5.** Abreviatura de manuscrito. Óxido de cálcio. Autores (abrev.). **6.** (...) Machado, autor do livro “O que diz Molero”. Hora canónica corresponde às 15 horas. **7.** Termo. Aquele que promove ou favorece alguma coisa. **8.** (...) Sá Machado, chefe de Divisão de Epidemiologia e Estatística da Direcção-Geral da Saúde. Arrefecida. **9.** Reza. Unidade monetária da Moldávia e da Roménia. Curso natural de água. **10.** Símbolo de lúmen (Física). União Europeia (sigla). Barro macio e amarelado, que se emprega geralmente para tirar nósdoas da madeira. **11.** Estão proibidos, pelo Governo, até 30 de Setembro.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Solução do problema anterior:
HORIZONTAIS: **1.** FenProf. Efe. **2.** Use. Ri. Li. **3.** Ai. Intonsos. **4.** SNS. Algor. **5.** Edemas. Laia. **6.** Il. Varal. **7.** Banksy. No. **8.** FM. Breu. **9.** Ave. Ervar. **10.** Luis. Rapa. **11.** Andro. Calor.

VERTICAIS: **1.** Frase. Brasa. **2.** Índia. **3.** Nu. Seinfeld. **4.** Psi. Km. Ur. **5.** REN. ABS. Rio. **6.** TAS. Yb. **7.** Frol. Re. **8.** Inglaterra. **9.** Soar. Uval. **10.** Florian. Apo. **11.** Eis. Alourar.

SUDOKU

		8			1		2	
2					7	4		
		5				1		9
8	4		9	6	5			
	5		7		2		8	
			4	3	8		9	7
9		4				2		
			2	4				1
	6		1			8		

Problema 9720
Dificuldade: Fácil

Solução do problema 9718

8	6	9	5	3	1	7	2	4
2	7	5	6	4	9	8	1	3
1	4	3	2	8	7	5	6	9
9	2	1	7	6	8	4	3	5
6	3	7	4	2	5	9	8	1
5	8	4	9	1	3	6	7	2
3	1	6	8	5	4	2	9	7
4	9	8	3	7	2	1	5	6
7	5	2	1	9	6	3	4	8

Solução do problema 9719

1	3	8	4	7	9	6	5	2
6	9	7	2	8	5	1	4	3
2	4	5	1	3	6	9	7	8
3	6	1	7	5	8	2	9	4
7	5	4	9	2	3	8	1	6
8	2	9	6	1	4	5	3	7
4	1	3	5	6	2	7	8	9
5	8	6	3	9	7	4	2	1
9	7	2	8	4	1	3	6	5

Problema 9721
Dificuldade: Muito difícil

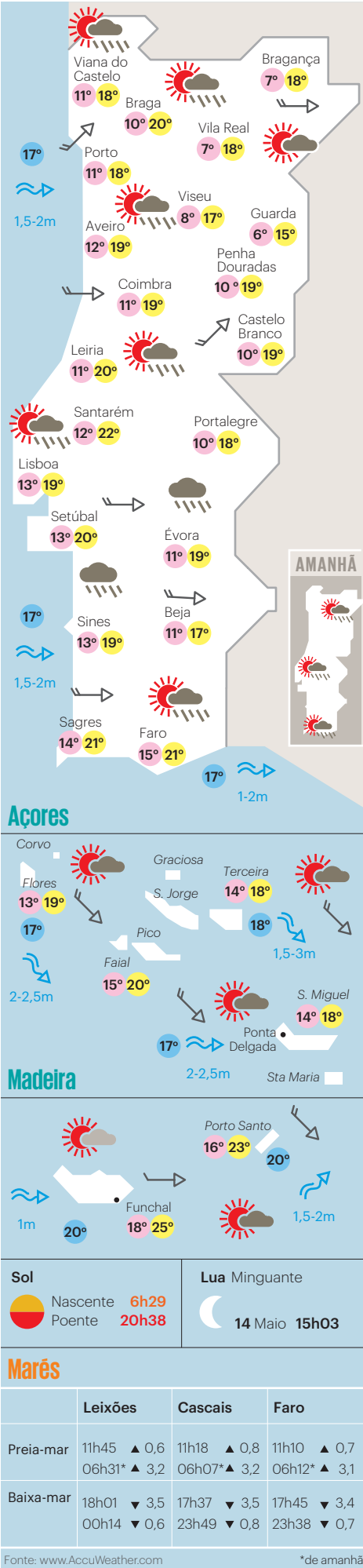
1			5				6	4
9				6		7		
	7							
				9				1
		8		7		3		5
3				4				
							8	
			3		8			6
4	2				9			5

FARMÁCIAS

Lisboa - Serviço Permanente
Estácio - Praça D. Pedro Iv, 60/63 - Tel. 213211390 **Marques** (Benfica - Igreja) - Estrada de Benfica, 648 - Tel. 217600096 **Paiva da Costa** (Lapa) - Rua da Lapa, 105-107 - Tel. 213964414 **São Tomé** (Lumiar) - Estrada do Desvio, Lt 12 - C - Tel. 217590704

Outras Localidades - Serviço Permanente
Abrantes - Sousa Trincão (S.Miguel do Rio Torto) **Alandroal** - Santiago Maior , Alandroalense **Albufeira** - Albufeira **Alcácer do Sal** - Alcacerense **Alcanena** - Ramalho **Alcobaça** - Campeão **Alcochete** - Nunes, Póvoas (Samouco) **Alenquer** - Matos Coelho, Varela **Aljustrel** - Pereira **Almada** - Almeida Araújo (Laranjeiro) **Almeirim** - Mendonça **Almodôvar** - Ramos **Alpiarça** - Aguiar **Alter do Chão** - Alter, Portugal (Chança) **Alvaiázere** - Ferreira da Gama , Castro Machado (Alvorge), Pacheco Pereira (Cabaços), Anubis (Maçãs D. Maria) **Alvito** - Nobre Sobrinho **Amadora** - Nova Portas de Benfca, Vaz Martins **Ansião** - Medeiros (Avelar) , Rego (Chão de Couce), Pires (Santiago da Guarda) **Arraiolos** - Vieira **Arronches** - Batista, Esperança (Esperança/Arronches) **Arruda dos Vinhos** - Da Misericórdia **Avis** - Nova de Aviz **Azambuja** - Nova, Peralta (Alcoentre), Ferreira Camilo (Manique do Intendente) **Barrancos** - Barranquense **Batalha** - Ferraz, Silva Fernandes (Golpilheira) **Beja** - Fonseca **Belmonte** - Costa, Central (Caria) **Benavente** - Batista **Bombarral** - Franca **Borba** - Central **Cadaval** - Misericórdia **Caldas da Rainha** - Branco Lisboa **Campo Maior** - Campo Maior **Cartaxo** - Abílio Guerra **Cascais** - Cristiana (Abóboda), Misericórdia, Parque do Estoril Lda. (Estoril) **Castelo Branco** - Salavessa (Cebolas de Cima) **Castelo de Vide** - Roque **Castro Verde** - Alentejana **Chamusca** - Joaquim Maria Cabeça **Constância** - Vila Farma **Constância**, Carrasqueira (Montalvo) **Coruche** - Higiene **Covilhã** - Santana (Boidobra) **Cuba** - Da Misericórdia **Elvas** - Moutta **Entroncamento** - Carvalho **Estremoz** - Costa **Évora** - Branco **Faro** - Almeida, Da Penha **Ferreira do Alentejo** - Salgado **Ferreira do Zêzere** - Graciosa, Soeiro, Moderna (Frazoeira/Ferreira do Zezere) **Figueiró dos Vinhos** - Campos (Aguda), Vidigal **Fronteira** - Vaz (Cabeço de Vide) **Fundão** - Diamantino **Gavião** - Mendes (Belver), Gavião **Golegã** - Salgado **Grândola** - Pablo **Idanha-a-Nova** - Andrade (Idanha A Nova) **Lagoa** - Vieira Santos (Estombar) , Amparo Lagoa **Loulé** - Almancil (Almancil) , Pinto, Maria Paula (Quarteira) **Loures** - Fátima, Valente (Fanhões) **Lourinhã** - Correia Mendes (Moita dos Ferreiros), Leal (Rio Tinto) **Mação** - Saldanha **Mafra** - Marques (Azueira), Barros (Igreja Nova) **Marinha Grande** - Duarte **Marvão** - Roque Pinto **Mértola** - Pancada **Monchique** - Higya **Monforte** - Jardim **Montijo** - Nova Circular **Mora** - Canelas Pais (Cabeção) , Falcão, Central (Pavia) **Moura** - Faria **Mourão** - Central **Nazaré** - Silvério, Maria Orlanda (Sítio da Nazaré) **Nisa** - Ferreira Pinto **Óbidos** - Vital (Amoreira/Óbidos), Senhora da Ajuda (Gaeiras), Oliveira **Odivelas** - Santo Adrião, Torres (Arroja) **Oeiras** - Pinto (Linda-a-Velha) **Oleiros** - Martins Gonçalves (Estreito - Oleiros), Garcia Guerra, Xavier Gomes (Orvalho-Oleiros) **Olhão** - Olhanense **Ourém** - Leitão **Ourique** - Nova (Garvão), Ouriquense **Pedrógão Grande** - Baeta Rebelo **Penamacor** - Melo **Peniche** - Higiénica **Pombal** - Barros **Ponte de Sor** - Varela Dias **Portalegre** - Romba **Portel** - Misericórdia **Portimão** - Amparo **Porto de Mós** - Lopes **Proença-a-Nova** - Roda, Daniel de Matos (Sobreira Formosa) **Redondo** - Xavier da Cunha **Reguengos de Monsaraz** - Paulitos **Rio Maior** - Ferraria Paulino **Salvaterra de Magos** - Costa (Foros de Salvaterra/Salvaterra de Magos) **Santarém** - Helena (Vale de Figueira) **Santiago do Cacém** - Corte Real **São Brás de Alportel** - São Brás **Sardoal** - Passarinho **Serpa** - Central **Sertã** - Lima da Silva, Farinha (Cernache do Bonjardim) **Sesimbra** - da Cotovia **Setúbal** - Carmo Sobral, Costa **Silves** - Algarve, Central - Armação de Pêra (Armação de Pêra), Guerreiro **Sines** - Monteiro Telhada (Porto Covo), Central **Sintra** - O'Neill Pedrosa, Central (Cacém), De Fitares (Rinchoa) **Sobral Monte Agraço** - Costa **Sousel** - Mendes Dordio (Cano), Andrade **Tavira** - Sousa **Tomar** - Dias Costa **Torres Novas** - Higiene **Torres Vedras** - Calquinha (Carvoeiro-Runa) **Vendas Novas** - Santos **Monteiro Viana do Alentejo** - Nova **Vidigueira** - Pulido Suc. **Vila de Rei** - Silva Domingos **Vila Franca de Xira** - Nova Alverca, Higiene **Vila Nova da Barquinha** - Tente (Atalaia), Carvalho (Praia do Ribatejo), Barquinha **Vila Real de Santo António** - Carmo **Vila Velha de Rodão** - Pinto **Vila Viçosa** - Torrinha **Alvito** - Baronía **Ansião** - Moniz Nogueira **Montemor-o-Novo** - Sepúlveda **Redondo** - Alentejo

TEMPOPARAHOJE



Dia de ficar

CINEMA

A Invenção de Hugo Hollywood, 12h20

Paris, 1930. Hugo é um menino órfão que vive em segredo numa gare de comboios, à custa de esmolas e pequenos roubos. Entretanto, vai tentando arranjar um autómato deixado pelo pai, certo de que esconde uma mensagem dele. Vai ter a ajuda de Isabelle, uma menina que, como ele, vive em quase reclusão e abandono em casa do seu tio, o misantropo e sorumbático dono de uma loja de brinquedos. Realizado por Martin Scorsese e baseado no *best-seller* de Brian Selznick, o filme inspira-se na história do cineasta Georges Méliès. Depois de ganhar o Globo de Ouro para melhor realizador, arrecadou cinco Óscares.

Tubarão AMC, 16h50

Na Nova Inglaterra, os ataques de um tubarão assassino causaram a morte a vários banhistas. O chefe da polícia local (Roy Scheider) junta-se a um ictiologista (Richard Dreyfuss) e a um caçador de tubarões (Robert Shaw) para tentar apanhar o monstruoso peixe. *Tubarão*, o primeiro grande sucesso mundial de Steven Spielberg, foi nomeado para quatro Óscares, em 1976. Ganhou três, para a fotografia, a banda sonora original e o som. De seguida, são emitidos *Tubarão 2*, de Jeannot Szwarc (às 18h51), e *Tubarão IV – A Vingança*, de Joseph Sargent (às 20h42).

Traffic - Ninguém Sai Ileso AXN, 21h55

O filme de Steven Soderbergh apresenta uma visão panorâmica sobre os cartéis da droga, assente em dramas interligados, que se desenrolam a vários níveis, do pessoal ao político. Apontado como o melhor filme de 2000 pelo Círculo de Críticos de Nova York, obteve dois Globos de Ouro para melhor argumento e actor secundário (Benicio Del Toro) e nos Óscares conquistou as estatuetas para melhor realizador, actor secundário (novamente Del Toro), montagem e argumento adaptado. Catherine Zeta-Jones, Dennis Quaid, Don Cheadle e Michael Douglas também integram o elenco.

Uma Mente Brilhante AXN Movies, 23h22

De Ron Howard, a adaptação da biografia do matemático John Forbes Nash, da escritora Sylvia Naser, que venceu o Óscar de



Televisão

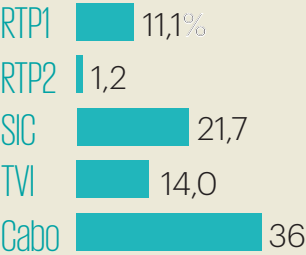
lazer@publico.pt

Os mais vistos da TV

Sexta-feira, 8

		%	Aud.	Share
Nazaré	SIC	15,8	26,6	
Terra Brava	SIC	14,4	27,9	
Jornal da Noite	SIC	14,2	25,7	
Quer O Destino	TVI	12,7	21,8	
Primeiro Jornal	SIC	11,2	29,2	

FONTE: CAEM



RTP 1

6.15 Cuidado com a Língua! **6.30** Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **10.30** Eucaristia Dominical **11.32** Mundo Maravilhoso **12.05** O Artesão **13.00** Jornal da Tarde **14.37** Faz Faísca **15.15** Maldita Cocaína **18.10** Jogo de Todos os Jogos **19.59** Telejornal **21.30** Got Talent Portugal **0.01** Atomic Blonde - Agente Especial **1.59** Web Therapy **2.52** Gales - O Oeste Selvagem da Grã-Bretanha

RTP 2

7.00 Euronews **7.55** Espaço Zig Zag **13.00** Drama Total em Acção **14.06** Os Daltons **14.21** Chovem Almôndegas **14.43** Folha de Sala **14.50** A Terra Vermelha **16.36** A Grande Travessia: Viajando pelos Andes de balão **17.03** Caminhos **17.33** 70x7 **18.02** Chegou a Felicidade **19.02** Saber Sabe Bem **19.32** Europa Minha **19.53** Corrida Ecológica **20.17** Cuidado com a Língua! **20.37** A Estagiária **21.30** Jornal **2** **22.04** Folha de Sala **22.12** O Oportunista **23.11** Caravaggio **0.47** Judi Dench no Bornéu Selvagem **1.35** As Grandes Mentiras da História **2.29** Euronews

SIC

7.00 Marvels Spider Man **7.45** O11ze **8.10** Uma Aventura **9.05** Olhó Baião **12.10** Vida Selvagem **13.00** Primeiro Jornal **14.10** Fama Show **14.35** Anjos: 20 Anos de Carreira **16.45** Espião nas Horas Vagas **18.15** Contágio **19.57** Jornal da Noite **21.40** Isto É Gozar Com Quem Trabalha **22.00** Quem Quer Namorar com o Agricultor? **1.00** Terra Nossa **2.20** A Agente Vermelha

TVI

6.35 Todos Iguais **7.10** Campeões e Detectives **8.35** O Bando dos Quatro **9.16** Detective Maravilhas **11.15** Missa **12.32** Mesa Nacional **13.00** Jornal da Uma **14.25** BB Zoom: A Semana **16.20** Juntos de Novo - com cuidado e segurança **18.30** Pesadelo na Cozinha **19.57** Jornal das 8 **21.45** Big Brother: A Gala **1.15** 1000 à Hora **2.30** Querido, Mudei a Casa! **3.15** Mar de Paixão **3.45** Saber Amar

TVCINE TOP

9.05 Hotel Mumbai **11.10** O Rapaz Que Queria Ser Rei **13.15** Alita: Anjo de

Combate **15.20** X-Men: Fénix Negra **17.20** Aquaman **19.45** Billy The Kid - A Lenda **21.30** Tudo Bons Meninos **23.05** The Beach Bum: A Vida Numa Boa **0.45** Segredos do Passado **2.25** A Outra... **3.55** O Rapaz Que Queria Ser Rei

FOX MOVIES

9.05 A Volta ao Mundo em 80 Dias **10.54** Indiana Jones e a Grande Cruzada **12.50** Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal **14.42** Tarzan, o Homem Macaco **16.32** Momento de Justiça **18.05** Momento de Justiça 2 **19.43** Momento de Justiça 3 **21.05** Momento de Justiça 4 **22.30** Instinto Fatal **0.29** O Olho do Tigre **1.54** Bad Ass **3.15** Ninja 2 - A Vingança **4.40** A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça

CANAL HOLLYWOOD

10.20 Annie **12.20** A Invenção de Hugo **14.25** Tudo o que Sonhei **16.20** Solomon Kane **18.05** Inferno **20.05** San Andreas **22.00** Bons Rapazes **23.55** As Cinquenta Sombras de Grey **2.00** Conheça os Blacks **3.35** A Viagem dos Cem Passos **5.35** Zoom In **5.45** Creed: O Legado de Rocky

AXN

15.16 A Estranha em Mim **17.33** No Limite da Ilusão **19.23** Transformers - Retaliação **21.55** Traffic - Ninguém Sai Ileso **0.31** Invictus **2.47** Fúria **4.57** O Delator!

AXN MOVIES

14.00 A Princesa Prometida **15.43** Victor/Victoria **17.55** O Turista **19.37** Guerra É Guerra **21.15** Dreamgirls **23.22** Uma Mente Brilhante **1.35** Chovem Almôndegas 2 (VP) **3.04** RocknRolla: A Quadrilha **4.50** The Final Cut - A Última Memória

AXN WHITE

13.04 Inesquecível **13.55** Limites da Loucura **15.25** Confissões de uma Noiva Americana **16.55** Ihaka: Blunt Instrument **18.25** Mentes em Conflito **19.55** Quem É Clark Rockefeller? **21.25** A Escolha de Um Pai **22.55** Sobrenatural **0.25** A Rapariga no Bunker **1.55** The Halcyon **2.45** Diggstown **3.30** Young Sheldon **4.18** A Teoria do Big Bang **5.53** O Mentalista

FOX

9.45 Madagáscar 2 (VP) **11.11** Madagáscar 3 (VP) **12.48** Viagem Ao Centro da Terra **14.32** Robin Hood **17.17** Jack Reacher **19.54** Assassinos **22.30** John Wick 2 **0.58** Sicario: Guerra de Cartéis **3.00** Guerra dos Mundos

FOX LIFE

9.41 Chicago Med **12.41** Christmas in Evergreen **14.17** Daughter for Sale **16.10** Love you to Death **17.58** Fort Bliss **20.17** Sempre Que Te Vejo **22.20** Mente Brilhante **0.12** Pai Por Acaso **2.00** Ossos

DISNEY

15.20 A Raven Voltou **15.45** Gabby Duran Alien Total **16.10** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **16.35** Sadie Sparks **17.00** Gravity Falls **17.50** Star Contra as Forças do Mal **18.38** Os Green na Cidade Grande **19.25** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **19.47** Sadie Sparks **20.10** Gravity Falls **20.58** Gabby Duran Alien Total **21.21** A Raven Voltou **21.44** Coop & Cami

DISCOVERY

17.45 Desmontar a História **19.20** O Segredo das Coisas **21.00** A Febre do Ouro: Águas Bravas **22.55** A Febre do Ouro **0.40** A Febre do Ouro: Águas Bravas **2.15** A Febre do Ouro **3.45** Já Estavas Avisado!

HISTÓRIA

17.01 História Revelada **18.46** A Comida Que Mudou o Mundo **21.33** A Maldição de Oak Island **22.56** Ovni: Tecnologia Alienígena **23.41** Não Identificados **1.03** Alienígenas **2.27** À Caça de Hitler **3.50** Os Líderes do Nazismo

ODISSEIA

17.41 Zâmbia Selvagem **18.30** Entre Macacos **19.21** Odisseia Vulcânica **20.08** América do Norte Vista do Céu: Cidades 24H **21.00** As Crónicas de Hitler **21.51** Helicóptero Tigre: Máquina de Guerra **22.40** Jumbo 747: a Revolução **23.40** Sex Mundi, a Aventura do Sexo **0.27** As Crónicas de Hitler **1.18** Helicóptero Tigre: Máquina de Guerra **2.08** Jumbo 747: a Revolução **3.08** Guerra de Drones

Melhor Filme. Retrata um matemático que lutou vários anos contra a esquizofrenia até alcançar a consagração em 1994, ano em que recebeu o Prémio Nobel da Economia. A mulher, Alicia (Jennifer Connelly), foi apoio fundamental nessa jornada. O filme conquistou ainda as estatuetas de melhores realizador, atriz secundária (Connelly) e argumento adaptado.

SÉRIE

O Oportunista

RTP2, 22h12

Estreia. Depois de uma vida a pôr-se em último lugar numa lista de prioridades preenchida pela família, uma mulher de 60 anos conhece um homem, com cerca de metade da sua idade, que lhe capta a atenção e o coração. Mas ele tem um passado misterioso. E a família dela desconfia de que ele esteja apenas interessado no seu dinheiro. Com Julia Ormond no papel principal, ao lado de Ben Barnes, *O Oportunista* é um *thriller* britânico com o selo da BBC, sobre segredos, traições e novas oportunidades.

DANÇA

Caravaggio

RTP2, 23h11

Contrastes de luz, realismo, intensidade dramática – Mauro Bigonzetti quis transpor estas características da obra do pintor Michelangelo Merisi da Caravaggio para um bailado que transmitisse a atmosfera dos seus quadros. Assim nasceu esta peça, em 2008. Foi criada pelo coreógrafo italiano com os bailarinos do Staatsballett Berlin e conta com música do seu colaborador habitual, Bruno Moretti, baseada em composições de Monteverdi.

INFANTIL

Jim Botão e Lucas, o Maquinista (V. Port.)

TVCine Emotion, 12h50

A locomotiva *Elle*, o maquinista Lukas e o pequeno órfão Jim Botão partem numa aventura em busca da verdade sobre as origens de Jim. Pelo caminho, defrontam dragões, piratas, gigantes e todo o tipo de obstáculos. Realizado por Dennis Gansel, o filme é uma adaptação do livro homónimo (e primeiro de uma série), lançado em 1960 pelo alemão Michael Ende – autor que, anos depois, viria a escrever o épico de fantasia *A História Interminável*.

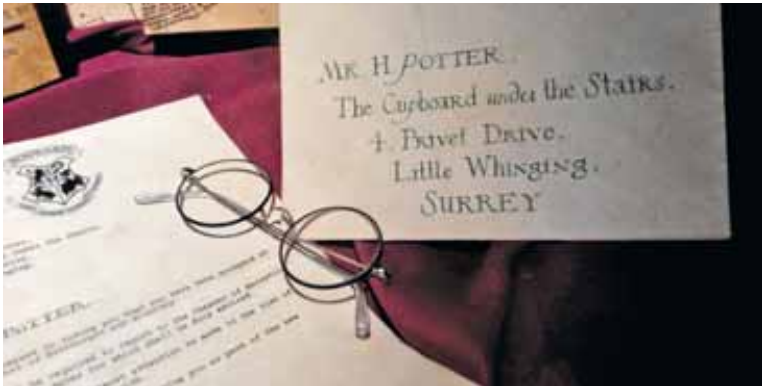
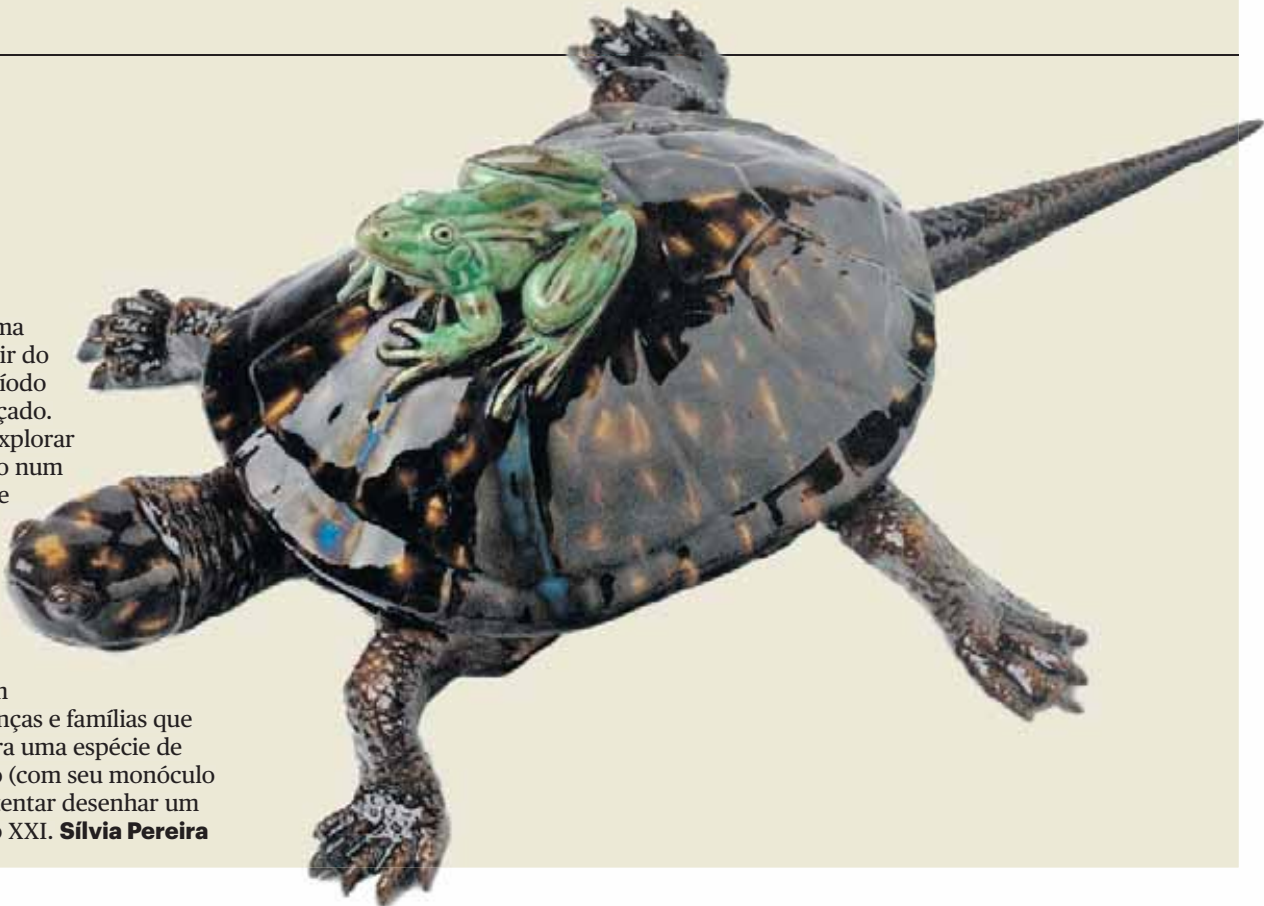
EMDESTAQUE

Museus

Bordalo Pinheiro online com mais de 13 mil obras

Mesmo com tanta arte e influência de Rafael Bordalo Pinheiro espalhada pelo país (e pelas casas de tantos portugueses), nada se compara a uma visita àquele que se apresenta como “o museu mais divertido de Lisboa”. A portas fecharam a 13 de Março, mas a diversão continua, agora à distância. O Museu Bordalo Pinheiro acaba de abrir ao público um inventário *online* com cerca de 13.200 registos de peças do artista – e também do filho, Manuel Gustavo. Construído a partir do acervo privado de Ernesto Cruz Magalhães, fundador do museu, o espólio tem crescido e tem-se enriquecido ao longo de mais de um século. A plataforma coleccion.museubordalopinheiro.pt permite pesquisar, partilhar e até guardar os itens favoritos numa colecção virtual

construída por cada visitante. Esta é só uma das formas de usufruir do museu durante o período de encerramento forçado. Também é possível explorar o universo bordaliano num “quem é quem” sobre os seus contemporâneos, em filmes que vão aos pormenores das peças, através de estudos sobre a obra e o artista ou em actividades para crianças e famílias que tanto as desafiam para uma espécie de “Onde está o Bordalo (com seu monóculo e bigode)?”, como a tentar desenhar um Zé Povinho do século XXI. **Sílvia Pereira**



Literatura

Ouvir a história de Harry Potter pela voz do próprio

A plataforma Harry Potter at Home, criada por JK Rowling para entreter crianças durante a pandemia, lançou um vídeo que não é entretenimento apenas para crianças. É a leitura do primeiro capítulo de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* pela voz de Daniel Radcliffe – o actor que interpretou o famoso feiticeiro nos oito filmes –, que nos conta a história a partir do seu sofá. Além da narração, o vídeo mostra também alguns desenhos relacionados com a

história enviados por fãs. E qualquer pessoa pode submeter os seus trabalhos: basta enviar as imagens para a conta de Twitter do Wizarding World, com a *hashtag* #HarryPotterAtHome. Os restantes 16 capítulos vão ser lidos por outros actores, como Claudia Kim e Eddie Redmayne (interpretam, respectivamente, Nagini e Newt Scamander em *Monstros Fantásticos*, o *spin-off* da saga *Harry Potter*), mas também por outros que não estão relacionados com o mundo fantástico, como David Beckham e Dakota Fanning. Os episódios vão ser lançados semanalmente no Wizarding World, o *site* oficial para fãs, e no Spotify. E podem ser uma boa viagem, enquanto não é totalmente seguro sair de casa. **P3**



Leituras

Mil Histórias para Contar

Escritora, contadora de histórias, atriz, formadora, editora. Habituada a vestir todos estes fatos numa carreira com mais de duas décadas, a luso-brasileira Clara Haddad mostra-se agora em directo, com *Mil Histórias para Contar*. A iniciativa decorre todos os domingos, às 15h de Portugal (11h do Brasil, 16h de Itália), nas contas de Facebook e Instagram de Haddad, no que é o seu contributo para encurtar as distâncias com os leitores em tempos de pandemia e isolamento social. Em cada sessão, a escritora dá voz a duas histórias, com obras que vêm da sua pena mas também da tradição oral mundial, num repertório que tanto visa as crianças como os adultos. No vasto currículo dedicado ao poder das brincadeiras com palavras ditas, destacam-se ainda os créditos como fundadora da Escola de Narração Itinerante, onde ensina a arte de bem contar. Nas suas palavras: “Acredito que

o bom narrador é aquele que lê o mundo, os sons, as pessoas e as imagens com o coração. Dizem que quando o coração da gente transborda ele sai pela boca em forma de histórias.” **C.A.M.**



Teatro

Al Mada Nada

Hoje é o último dia para ver ou rever *Al Mada Nada*, peça de Ricardo Pais inspirada em *Saltimbancos* e outros textos escritos por Almada Negreiros. Estreada em 2014 pela Companhia de Teatro de Almada, a peça leva o público a uma vila portuguesa situada à beira-mar. É aí que fica o quartel onde se preparam, à pressa, os soldados para participar na Primeira Guerra Mundial e por onde passa uma família de ciganos que promove um espectáculo de saltimbancos. Está em cena nos palcos digitais do Teatro Nacional São João do Porto (Facebook, Instagram e Vimeo), até às 24h deste domingo. Guia do Lazer

Cinema

No Cinecartaz, o cinema continua em sala (de estar)

Com as salas de cinema fechadas desde o dia 16 de Março, na sequência das medidas de contenção contra o coronavírus, a recomendação é que toda a gente se mantenha em casa. Por causa disso, o Cinecartaz mudou de cara e a partir daí dedicou-se a destacar o melhor cinema para ser visto sem sair à rua. Cada dia são sugeridos filmes novos, dos títulos mais recentes aos que fazem parte da história do cinema, com destaques que tentam satisfazer todos os gostos. A prioridade é dada ao cinema em casa gratuito, exibido em canais de televisão ou disponibilizado em *link* pelas distribuidoras ou pela Cinemateca Portuguesa, que todas as semanas tem novas propostas. Segundo o calendário do desconfinamento dos espaços culturais, as salas reabrem em Junho, com lotação reduzida, lugares marcados e distanciamento físico. O endereço, com cinema dentro ou fora de portas, é o de sempre: www.cinecartaz.publico.pt. **Sílvia Sousa**

Estar bem



LUCIANO LOZANO/GETTY IMAGES

Todos para a mesa! Obesidade infantil, factores psicológicos e os tempos que correm

No contexto da actual pandemia, com todas as suas repercussões na vida das famílias, torna-se compreensível que as nossas capacidades para lidar com o stress e para mobilizar as melhores estratégias de gestão alimentar das crianças possam estar, de algum modo, comprometidas.

Carla Fernandes

Sabemos que não é novidade e que já o deve ter lido em diversos contextos, mas nunca é de mais relembrar que os últimos números nacionais indicam que cerca de 30% das crianças apresentam excesso de peso e 12% obesidade. Há muito que este assunto tem estado em cima da mesa, como um sério e complexo problema de saúde pública mundial, para o qual urge encontrarem-se soluções igualmente complexas e que unam esforços de diversas áreas e disciplinas.

Nesta altura, poderá questionar: então em plena pandemia de covid-19, vêm agora preocupar-se com o estado nutricional das pessoas? Não existem dúvidas de que a prioridade e o foco agora é esse, mas também é verdade que existem alguns aspetos relacionados com a situação atual que podem potenciar problemas anteriores, como é o caso da obesidade (que chegou a ser referida como a pandemia do séc. XXI) e, mais especificamente, da obesidade infantil. Se recuarmos a antes da pandemia, já era de conhecimento geral que uma alimentação pouco saudável, o sedentarismo e o stress são alguns dos (muitos) fatores que nos colocam em risco para o excesso de peso e desenvolvimento de obesidade. Basta agora pensar novamente nestes três exemplos (má alimentação, sedentarismo e stress) à luz do contexto atual e, certamente, será intuitivo perceber-se que existe uma forte probabilidade de estes aspetos virem a estar presentes ou intensificados.

A prevenção primária da obesidade infantil tem-se constituído como uma prioridade nacional, e prova disso são as inúmeras campanhas de sensibilização e programas de intervenção dirigidos às crianças. Estes têm-se focado sobretudo na importância dos hábitos saudáveis de alimentação e exercício físico. Mas, para a receita ficar ainda mais completa, é preciso alargar este foco para incluir outros ingredientes, igualmente essenciais no combate à obesidade infantil. É o caso dos fatores psicológicos, destacando-se aqui o papel da regulação emocional, ou seja, da capacidade para responder e lidar com o stress. Por exemplo, se nos perguntarmos o que determina o que comemos e quanto comemos, para a maioria, a resposta não será só as sensações de fome e saciedade, mas também fatores emocionais, gestão de angústias ou stress. A comida é usada nestas situações como estratégia de regulação emocional e é possível que esta estratégia possa vir a ser até aplicada para responder ou ajudar a criança a lidar com as suas próprias emoções negativas. Contudo, as crianças vão-se apropriando deste tipo de padrões de regulação emocional, aumentando a probabilidade de no futuro poderem responder ao stress da mesma

forma: através da comida.

Outro fator de destaque diz respeito às práticas alimentares. Estas determinam a exposição da criança à comida e incluem repostas ao seu comportamento nos momentos de alimentação. Por exemplo, os adultos que cuidam das crianças têm um maior controlo sobre o que, quanto e quando ela come e, no contexto das refeições familiares, respondem aos seus comportamentos (e.g.: recusa em comer, preferência, quantidade) utilizando práticas alimentares que incluem, entre outras, fazer pressão para ela comer e utilizar a comida para recompensar algo que ela tenha feito, etc..

Se refletirmos sobre estes fatores psicológicos no contexto da atual pandemia, com todas as suas repercussões na vida das famílias, torna-se compreensível que as nossas capacidades para lidar com o stress e para mobilizar as melhores estratégias de gestão alimentar das crianças possam estar, de algum modo, comprometidas. No entanto, o que a investigação tem vindo a demonstrar a este nível é que, quando comprometidas, constituem dois dos mais salientes fatores de risco para a obesidade infantil. Existe ainda uma forte suspeita de que crianças em risco de obesidade infantil se encontrem em risco elevado de se tornarem jovens e adultos com obesidade e de verem comprometido o seu bem-estar físico, social e psicológico a médio e longo prazo.

Cerca de 30% das crianças apresentam excesso de peso

É verdade que nem sempre as coisas correm como gostaríamos e nem sempre as nossas capacidades estão no seu melhor, principalmente no que se refere a famílias com crianças pequenas e aos seus momentos de alimentação, especialmente nas condições que estamos a vivenciar. Contudo, ter consciência dos fatores que influenciam e fortalecem a nossa saúde e a das nossas crianças, nomeadamente de que os comportamentos alimentares saudáveis são fatores protetores face ao desenvolvimento e agravamento de doenças, é um importante primeiro passo e um fator impulsionador, principalmente numa altura em que, mais do que nunca, as relações afetivas e a saúde de todos são o bem mais precioso.

Investigadora do Centro da Criança e da Família, William James Research Center, ISPA - Instituto Universitário

Um farol no 1.º andar e no meio da distopia



Maria João Lopes

O isolamento dos nossos rochedos começa agora a suavizar-se. Ainda bem. Ninguém quer ficar para sempre fechado no meio do oceano

Deu-se uma coincidência de leituras cá em casa, durante o confinamento que começa agora a abrir-se lentamente. Encomendei um livro para a minha filha, chama-se *Olá, Farol!* e é de Sophie Blackall. Nas ilustrações, vê-se um farol, uma pequena casa isolada no meio do oceano. O faroleiro escreve no diário do farol, cumpre as tarefas profissionais e domésticas, ouve o vento. “Põe a mesa e trauteia uma música e anseia por alguém com quem conversar”.

A vida num farol lembra-nos a distância, e também a solidão, mesmo que não estejamos sozinhos. No farol do livro da minha filha até nasce uma criança. A coincidência foi que, também nesses dias, eu andava a ler o *Rumo ao Farol*, de Virginia Woolf, e, depois, até o filme vimos cá em casa. De repente, parecia-me que o nosso próprio apartamento no meio da cidade se tinha transformado, também ele, num farol.

Um farol num pequeno rochedo, rodeado de rua com cafés fechados, dia e noite, dia e noite. O tempo a passar, o tempo suspenso. As mil tarefas que existem dentro de uma casa. Tudo acontece em todo o lado, mesmo quando tudo parece parado. O nosso farol imaginário também parecia silencioso, mesmo com uma miúda de dois anos a correr pelas divisões, mesmo que também nós ouvíssemos ondas inventadas a bater nas rochas, como na história que lhe conto antes de adormecer – no final do livro, a autora conta que o farol que aparece na obra “é baseado num outro” onde tinha ficado, “localizado numa pequena ilha na extremidade mais a norte da Terra Nova que, citando Herman Melville em *Moby Dick*, ‘não aparece em nenhum mapa; os sítios verdadeiros nunca aparecem’”.

Foram e são assim os dias, instalados no nosso farol no 1.º andar num bairro que, antes de tudo acontecer, ficava sempre acordado. Agora, estávamos longe dos amigos, dos primos, dos tios e dos avós. Também eu, como faroleira da minha fortaleza, escrevi um diário. Cheio de desenhos da minha filha, sem notícia de mortes, uma angústia disfarçada a lápis de cor e de cera. Mas tem as datas dos estados de emergência, lembra que estávamos fechados, que não se podia sair, nem abraçar avós, nem beijar amigos. Verdade, aconteceu mesmo. Para que ela saiba um dia.

É um caderno feito a pensar nela, para que, quando crescer, tenha um registo do que viveu, do que vive, numa idade em que ainda não compreende tudo o que se passa. Numa idade em que não compreende totalmente este tempo brutal, roçando a ficção, assemelhando-se a uma distopia.

Um tempo de afastamento de tudo e de todos que nos juntou, porém, aos três em casa horas e horas a fio. Não foi fácil nem só difícil. Foi outra coisa diferente. Nunca vista. Um sítio desconhecido.

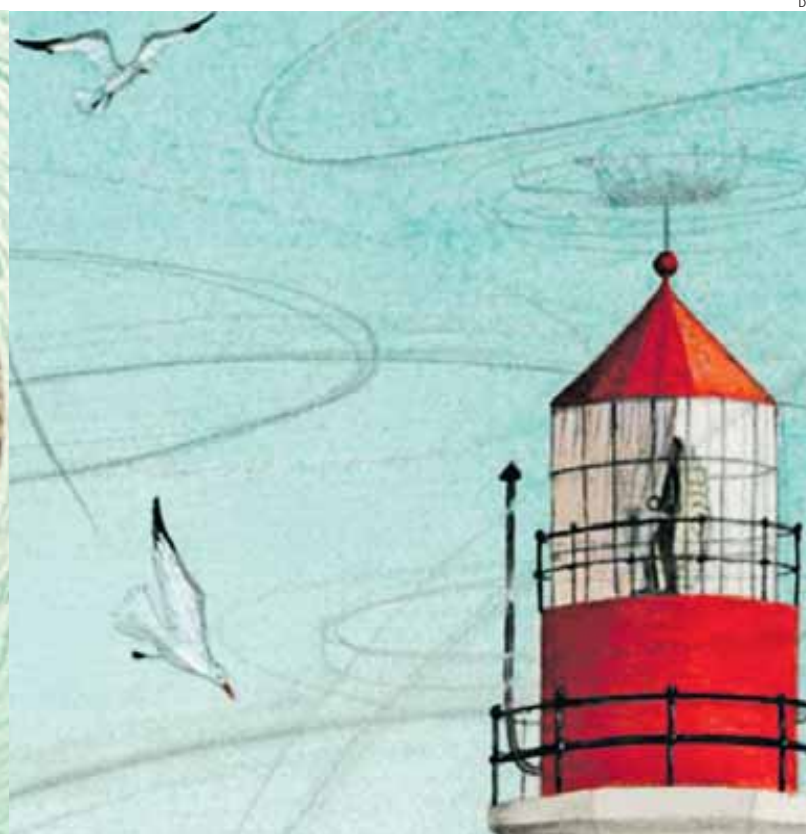
O isolamento dos nossos rochedos parece começar agora a suavizar-se. Ainda bem. Ninguém quer ficar para sempre fechado no meio do oceano. Até o faroleiro da história da minha filha o sabe. Chega um dia e aquela vida acaba: “Ele cuida da luz e escreve no diário do farol, mas sabe que não o fará por muito mais tempo.”

No outro dia veio o sol e o calor. Pela janela entrava-nos aquele cheiro louco das flores. Nós, no nosso farol, ficámos um bocadinho loucos também. Aquele cheiro lembrou-nos das esplanadas, dos passeios com amigos, das brincadeiras com os filhos dos outros, das conversas que juntam todos num jardim,

das madrugadas de danças sem sono, dos apertos de mão, dos sorrisos sem máscaras.

A nossa filha de dois anos e poucos meses não percebe tudo o que se passa, mas nunca falou tanto de rua. Agora, quando sai de casa, diz, espantada: “Tantos senhores!...” Aquele cheiro louco das flores lembrou-nos da liberdade despreocupada das ruas. Essa liberdade despreocupada ainda não voltou tal como era, ainda temos de acender a luz dos nossos faróis todas as noites, mas parece-nos, deste nosso 1.º andar, que aquele nevoeiro denso começa a dissipar-se. Um pouco. Talvez. É que, como conta Sophie Blackall, “alguns faroleiros habituavam-se a dormir com a algazarra da sirene, outros quase enlouqueciam quando o nevoeiro durava muitos dias”.

maria.joao.lopes@publico.pt



Entre o amor e o ódio



O Tigre de Papel

Fernando Sobral

Nos dias que se seguiram ao *crash* de Wall Street em 1929, os jornais sensacionalistas ingleses tinham muitas histórias para contar. Segundo alguns, os especuladores de Nova Iorque atiravam-se das janelas e os peões passavam, tranquilamente, entre os seus corpos. John Kenneth Galbraith escreveu que isso foi um mito. Ninguém se suicidou. Ou poucos foram os que o fizeram. Os suicídios aumentaram sim, e bastante, até 1932, entre os comuns americanos que procuravam sobreviver à Depressão. Aos mais fracos saiu a verdadeira fava do bolo.

Será entre os mais frágeis que as consequências da covid-19 mais se farão sentir. Na Guatemala, os mais pobres acenam nas ruas com bandeiras brancas. Não é um sinal de rendição daqueles que sobreviviam da economia informal. É um grito de alerta, para não serem esquecidos. Alguém os escutará? Do outro lado do espelho surge-nos o Michigan. Alguns políticos locais decidiram usar coletes à prova de bala, depois de um grupo de militantes armados de extrema-direita ter invadido o Capitólio local. Entre o amor necessário e o ódio extremista salvar-se-á a democracia? A sociedade parece caminhar para uma complicada mistura entre *Mad Max* e *Blade Runner* – onde a banda sonora é *The Man Machine* dos Kraftwerk.

Alguns sinais dizem quase tudo. Não, não é o regresso do Big Brother à televisão portuguesa. Nem o sr. Ferro Rodrigues ser contra a máscara num dia e desejar ser o Zorro no outro (saber que ele é a segunda figura da República portuguesa é um assombro). Há sinais mais profundos. Com a covid-19 perdemos o sincero toque do aperto de mão, a união de afectos. Não é uma mudança qualquer. Na política, como recordava há uns dias a *New Yorker*, o aperto de mão é um símbolo de união. Foi entre Rabin e Arafat, entre Reagan e Gorbatchov, entre Nixon e Elvis Presley. Joe Klein, em *Primary Colours*, chamava-lhe “o princípio da política”. Outros tempos. Consta que os apertos de mão do sr. Donald Trump são como as suas palavras, verdadeiros quebra-nozes. Dizem tudo sobre a sua política: ali só há vencedores ou perdedores. O sr. Trump não encara o aperto de mão como um afecto. É contra o multilateralismo. Para o



Condomínios de imigrantes

A secretária de Estado para a Integração de Migrações, a sra. Cláudia Pereira, na sua entrevista a este jornal, revela-se mestre na nobre arte de não dizer nada (tudo está a ser “articulado”, “trabalhado”, “reformulado”, vai repetindo). É uma louvável atitude. A política, nestes dias, é para quem não se expõe demasiado. Mas há um momento em que a sra. Cláudia Pereira escorrega. Depois de uma ideia digna do Professor Pardal (encaminhar para a agricultura os imigrantes que estavam a trabalhar no turismo), refere que já visitou uns condomínios de contentores onde alguns estão alojados. Ficou espantada: “Tive a oportunidade de visitar algumas dessas habitações e tinham todas as condições, uma delas tinha ginásio, outra jogos...” Não tendo tido oportunidade de fazer uma visita guiada às magníficas pensões pagas pelo Estado, na Avenida Almirante Reis, onde se aglomeram imigrantes, a sra. Pereira também não teve, por certo, oportunidade de ir visitar outros condomínios exclusivos de contentores onde, há quem diga, há *jacuzzi* e campos de golfe... Sei lá.

sr. Trump, não há lugar para acordos, nem para amor. Ou se vence, ou se perde. E todos os meios justificam os imorais fins.

Esta é nova política da direita radical. A substituição do aperto de mão pelo soco na cara, e do beijo pelo boxe sem regras, está em marcha. O que importa é descobrir um culpado. Depois da covid-19, a luta política travar-se-á em busca da hegemonia no espaço do descontentamento. Bastará agitar a árvore e colher os frutos mais maduros. A Europa das ideias fixas e da ortodoxia neoliberal vai ajudar a nutrir o extremismo. Uma coisa parece certa para o futuro dos portugueses e dos cidadãos dos outros países da Europa: as condições de financiamento da dívida de Portugal, da Itália ou Espanha vão ser a chave do futuro. Depois de se salvar vidas e de se tentar recuperar parte da economia, chegará o cobrador sem fraque. A dívida baterá à porta, com uma ceifeira-debulhadora por detrás. Durante anos, a UE criou uma fantasia: a de que é bom que nos façam sofrer, porque o merecemos. Ainda há quem, mesmo em Portugal, pense isso. Mas, entre o habitual jogo shakespeariano de ser sem parecer, no horizonte está o óleo de fígado de bacalhau ministrado aos povos do Sul em 2008: austeridade, controlo orçamental, focalização no pagamento da dívida.

Esta é a conjuntura perfeita que abanará a árvore do ódio. Uma sociedade pobre, com a classe média exangue, virar-se-á para o tenor mais afinado a destilar a sede de vingança. Depois dos imigrantes, um novo inimigo surge: a China. Portugal, tal como a Europa, ficará, como o elo mais fraco, no meio de uma previsível guerra entre o pulmão financeiro e a fábrica do mundo. Como se comportará então o Velho Continente face às tendências que se desenham: o reforço do estatismo autoritário, a militarização do mundo, a normalização da vigilância e a antiglobalização? Isto, perante a contínua infantilização dos cidadãos, colocando todos contra todos nas redes sociais, quando não estão a divertir-se. Pier Paolo Pasolini, que explorou as fronteiras subterrâneas do mundo como poucos, dizia: “Eu desci ao Inferno e sei coisas que não incomodam a paz dos outros. Mas, cuidado. O Inferno está a subir até onde vocês estão, não tenham ilusões.” Ele sabia, antes do tempo, do que falava.

Jornalista e escritor